



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS  
BACHARELADO EM RELAÇÕES INTERNACIONAIS**

**WALLACE MALTA BARBOSA**

**A EXPORTAÇÃO DE SOJA DO BRASIL PARA A CHINA: Implicações no pós-  
pandemia da Covid-19**

**JOÃO PESSOA – PB**

**2023**

**WALLACE MALTA BARBOSA**

**A EXPORTAÇÃO DE SOJA DO BRASIL PARA A CHINA: Implicações no pós-pandemia da Covid-19**

Trabalho de conclusão apresentado ao curso de Relações Internacionais como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais, pela Universidade Federal da Paraíba.

Orientador: Prof. Dr. Lucas Milanez de Lima Almeida.

**JOÃO PESSOA – PB**

**2023**

**Catálogo na publicação**  
**Seção de Catalogação e Classificação**

E238e Barbosa, Wallace Malta.

A exportação de soja do Brasil para a China:  
implicações no pós-pandemia da Covid-19 / Wallace Malta  
Barbosa. - João Pessoa, 2023.  
58 f. : il.

Orientação: Lucas Milanez de Lima Almeida.  
TCC (Graduação) - UFPB/CCSA.

1. Soja. 2. Exportação de soja. 3. Brasil. 4. China.  
5. Interdependência - Relações Internacionais. 6.  
Pandemia. 7. Covid-19. 8. Guerra comercial. 9. Peste  
Suína Africana. I. Almeida, Lucas Milanez de Lima. II.  
Titulo.

UFPB/CCSA

CDU 327

## FOLHA DE APROVAÇÃO

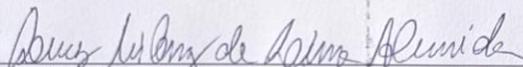
WALLACE MALTA BARBOSA

### A EXPORTAÇÃO DE SOJA DO BRASIL PARA A CHINA: IMPLICAÇÕES NO PÓS-PANDEMIA DA COVID-19

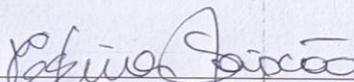
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Relações Internacionais do Centro de Ciências Sociais Aplicadas (CCSA) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), como requisito parcial para obtenção do grau de bacharel (a) em Relações Internacionais.

Aprovado(a) em, 01 de NOVEMBRO de 2023

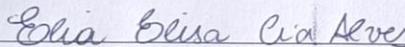
#### BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Lucas Milanez de Lima Almeida – (Orientador)  
Universidade Federal da Paraíba - UFPB



Profa. Dra. Márcia Cristina Silva Paixão  
Universidade Federal Da Paraíba - UFPB



Profa. Dra. Elia Elisa Cia Alves  
Universidade Federal da Paraíba - UFPB

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus por toda proteção perante o árduo caminho na trajetória acadêmica. Ao meu Pai Pedro e a minha mãe Rosângela, por todo amor, ensinamento, suporte e empenho para que eu obtivesse logro nos meus objetivos, por confiarem na minha capacidade e sempre estarem disponíveis para me ajudar. Aos meus avôs e avós, por serem acalento e sinônimo de bondade através dos seus conselhos e ternas lembranças que ficarão para sempre marcados na minha vida. Aos meus irmãos Gustavo e Kavillin, por serem alicerce de união, mesmo que em circunstâncias adversas. Ao meu amado Kennedy por surgir na minha vida e proporcionar muito mais do que eu poderia um dia sonhar, você é especial e uma inspiração infindável de resiliência, benevolência e dedicação. Aos meus Tios(as), Primos(as) e Amigos(as) pelo acolhimento, paciência e aprendizado mútuo. Me faltam palavras para descrever com precisão o quanto amo cada um. Não foi fácil me manter longe todos esses anos em prol dos meus sonhos, mas sem o apoio de vocês, nada disso seria possível.

Agradeço também a todo corpo docente de Relações Internacionais, por se manterem firmes na luta por uma educação pública e de qualidade. Em especial ao Professor Dr. Lucas Milanez, meu orientador, pelas dicas e direcionamentos prestados ao decorrer da construção deste trabalho. Me vejo uma pessoa mais madura e bem preparada após a conclusão desta etapa na Universidade Federal da Paraíba, para enfrentar novos desafios nesse caminho prolífico, desafiador e ao mesmo tempo, prazeroso, que são os estudos.

Obrigador por tanto, João Pessoa!

## RESUMO

A soja se destaca pelo seu dinamismo, importância e protagonismo no setor do agronegócio. O Brasil é o maior exportador e produtor mundial, enquanto a China lidera como a maior importadora de soja. Por conseguinte, ambos os países mantêm uma relação prolífica em direção, não somente às relações comerciais, mas especificamente no setor da soja. Tais posições, não eximem as consequências que o mercado sojístico sofre em um cenário mundial marcado por desafios, em certas circunstâncias, imprevisíveis, como foi o caso da crise desencadeada pela Pandemia da Covid-19. É nessa conjuntura que o presente trabalho objetiva investigar a exportação de soja do Brasil para a China no contexto do pós-pandemia da Covid-19. Para isso, é utilizado o aparato teórico da Interdependência Complexa desenvolvido por Robert Keohane e Joseph Nye no âmbito das Relações Internacionais, para concatená-lo com a temática proposta. Por meio da pesquisa qualitativa descritiva, pretende-se fazer o uso do método hipotético dedutivo, através da interpretação dos dados quantitativos da atividade exportadora de soja brasileira para o mercado chinês, sob a ordenamento de três estágios: o pré-pandemia, a pandemia e o pós-pandemia da Covid-19. A estratégia da pesquisa visa investigar os efeitos e implicações dessa atividade econômica, evidenciando a influência do pré e da Pandemia da Covid-19, de uma maneira amplificada para assim analisar o cenário de pós-pandemia. Finalmente, será abordado a influência da Guerra Comercial entre China e Estados Unidos, além da Peste Suína Africana na China como fatores de influência no desempenho das atividades de exportação de soja do Brasil para a China, durante o período de Pandemia da Covid-19, para então analisar os desdobramentos dessa conjuntura no pós-pandemia da Covid-19.

**Palavras-chave:** Soja; Exportação; Brasil; China; Interdependência; Pandemia; Covid-19; Guerra Comercial; Peste Suína Africana.

## ABSTRACT

Soy stands out for its dynamism, importance, and prominence in the agribusiness sector. Brazil is the world's largest exporter and producer, while China leads as the largest soy importer. Consequently, both countries maintain a prolific relationship, not only in terms of trade but specifically in the soy sector. These positions do not exempt them from the consequences that the soy market faces in a global scenario marked by unpredictable challenges, such as the crisis triggered by the Covid-19 pandemic. It is in this context that this work aims to investigate soybean exports from Brazil to China in the post-Covid-19 pandemic context. To do so, it uses the theoretical framework of Complex Interdependence developed by Robert Keohane and Joseph Nye in the field of International Relations, connecting it with the proposed theme. Through descriptive qualitative research, the deductive hypothetical method is intended to be used by interpreting quantitative data on Brazilian soybean exports to the Chinese market in three stages: pre-pandemic, pandemic, and post-pandemic Covid-19. The research strategy aims to investigate the effects and implications of this economic activity, highlighting the influence of both the pre-pandemic and the Covid-19 pandemic in an amplified way to analyze the post-pandemic scenario. Finally, the influence of the Trade War between China and the United States, as well as African Swine Fever in China, will be addressed as factors influencing the performance of Brazil's soybean export activities to China during the Covid-19 Pandemic period, in order to analyze the implications of this situation in the post-pandemic Covid-19.

**Keywords:** Soy; Export; Brazil; China; Interdependence; Pandemic; Covid-19; Trade War; African Swine Fever.

## **LISTA DE FIGURAS**

Figura 1 - A natureza assimétrica da Interdependência

Figura 2 - Evolução e produção da soja por Estado

Figura 3 - Produção de soja no Brasil

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - *Ranking* por países em ordem crescente das importações mundiais de soja (em milhões de toneladas) de janeiro a setembro de 2023

Gráfico 2 - Exportações de soja do Brasil para a China (1997-2018) - US\$ FOB

Gráfico 3 - Exportações de soja do Brasil para a China (2018-2022) - US\$ FOB

Gráfico 4 - Exportações de carne do Brasil para a China (2018-2022) - US\$ FOB

## **LISTA DE QUADROS**

Quadro 1 - Interdependência Complexa e suas três principais características

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>2 REFERENCIAL TEÓRICO.....</b>	<b>14</b>
2.1 CONCEITUAÇÕES E PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS DA TEORIA DA INTERDEPENDÊNCIA COMPLEXA.....	15
2.2 AS DEFINIÇÕES DE SENSIBILIDADE E VULNERABILIDADE.....	21
2.3 INTERDEPENDÊNCIA COMPLEXA, COMÉRCIO E O MERCADO INTERNACIONAL DE SOJA.....	22
2.4 INTERDEPENDÊNCIA, VULNERABILIDADE, ASSIMETRIA E A PANDEMIA DA COVID-19 .....	24
<b>3 CONTEXTUALIZAÇÃO DA SOJA NAS RELAÇÕES COMERCIAIS ENTRE BRASIL E CHINA .....</b>	<b>26</b>
3.1 RELAÇÕES COMERCIAIS ENTRE BRASIL E CHINA.....	26
3.2 PRODUÇÃO E EXPORTAÇÃO DE SOJA NO BRASIL.....	30
3.3 A RELEVÂNCIA DA IMPORTAÇÃO DE SOJA PARA A CHINA.....	34
<b>4 DO PRÉ AO PÓS-PANDEMIA DA COVID-19: IMPLICAÇÕES PERANTE A EXPORTAÇÃO DE SOJA DO BRASIL PARA A CHINA.....</b>	<b>36</b>
4.1 O PRÉ-PANDEMIA DA COVID-19: UMA ANÁLISE VOLTADA PARA A EXPORTAÇÃO DE SOJA BRASILEIRA PARA A CHINA .....	37
4.2 A PANDEMIA DA COVID-19 E SUAS IMPLICAÇÕES NA EXPORTAÇÃO DE SOJA DO BRASIL PARA A CHINA .....	40
4.2.1 O impacto da Peste Suína Africana e da Guerra Comercial entre Estados Unidos e China na exportação de soja brasileira.....	43
4.3 O PÓS-PANDEMIA DA COVID-19 E SEUS DESDOBRAMENTOS PARA A EXPORTAÇÃO DE SOJA DO BRASIL PARA A CHINA.....	45
4.4 ANÁLISE DOS RESULTADOS .....	47
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>50</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>52</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O setor da soja detém uma posição de destaque na atividade do agronegócio nacional e internacional, movimentando não só a economia através da geração de empregos - por meio de empresas envolvidas com a produção ou com o cultivo no campo - mas também para seu fim alimentício – tanto humano quanto animal – a partir do consumo do óleo e do farelo de soja, além de importante *commodity* para a produção de biodiesel. Nesse panorama, o Brasil ganha relevância a partir de seu papel como proeminente exportador e a China como relevante importadora de soja. Segundo Brito, Leão e Silva (2023) a soja possui relevância como um dos setores de maior importância na economia brasileira, com o país se destacando como o maior exportador mundial da *commodity*. Nesse sentido, a China também ganha destaque como país que recebe o maior volume de soja do Brasil, atuando como notória importadora do produto. Conforme Budziak e Ferreira (2023) a China detém a primeira posição no que tange às exportações da soja brasileira.

Não obstante, no final do segundo semestre de 2019, mais especificamente no dia 31 de dezembro, a Organização Mundial da Saúde (OMS) foi notificada sobre os casos de pneumonia ocorridos na cidade de Wuhan, capital da província de Hubei na China. Até então, o que o mundo não mensurava era que o vírus, denominado COVID-19 (do inglês *Coronavirus Disease 2019*), se alastraria pelos países de uma forma tão célere quanto letal. Com isso, no dia 11 de janeiro de 2020 a China notificou a primeira vítima a vir a óbito pelo vírus. Posteriormente, no dia 26 de fevereiro de 2020, foi identificado no Estado de São Paulo o primeiro caso de COVID-19 no Brasil, tendo como vítima um homem de 61 anos que havia regressado de uma viagem na Itália (CHIN et al., 2020). Esses acontecimentos marcariam o início de uma onda de perdas através dos óbitos em larga escala, que atingiriam não só o reordenamento das relações sociais com base nas recomendações sanitárias de isolamento, mas também colocavam em pauta a forma como cada país reagiria ante o agravamento da situação.

O abalo desencadeado pela propagação do vírus afetou as relações comerciais entre os países, seja através da movimentação de mercadorias por meio da atividade de exportação de bens primários, ou pela diminuição na mão de obra mundial desencadeados pelo desemprego em larga escala a partir do fechamento de

pequenas, médias e grandes empresas ao redor do mundo. Conforme Gilio et al. (2020) os impactos causados pela pandemia da Covid-19 – a partir das ações de contenção contra o contágio do vírus por meio do isolamento social - afetaram muitos países, mas com intensidades variadas nos setores econômicos mundiais, com efeitos para o setor do agronegócio.

Por meio do destaque que o setor da soja tem no contexto econômico mundial, como uma *commodity* amplamente demandada e negociada entre os países, e levando em consideração o protagonismo que o Brasil e a China detêm nesse cenário, evidencia-se a importância para uma pesquisa que investigue o impacto causado pela pandemia nesse setor abordando a relação bilateral entre Brasil e China e posteriormente indicando os efeitos desses impactos no pós-pandemia. Com o intuito de contribuir para uma pesquisa científica atualizada, explorando a temática no campo das Relações Internacionais. A partir disso, é feita a seguinte pergunta de pesquisa: “quais os efeitos causados no pós-pandemia da Covid-19 perante a atividade de exportação de soja brasileira para a China?” A hipótese é de que a pandemia da Covid-19 não acarretou em problemáticas que fragilizassem a atividade de exportação da soja brasileira para a China, devido à alta demanda chinesa pelo produto. Em detrimento disso, não houveram desdobramentos negativos para o pós-pandemia.

Nesse sentido, o aparato teórico utilizado no trabalho será com base na Teoria da Interdependência Complexa de Keohane e Nye (2012) para fins de associação com a temática entre a relação Brasil e China no setor da soja. O objetivo geral consiste em identificar as implicações advindas do pré-pandemia e da pandemia da Covid-19 na atividade de exportação de soja do Brasil para a China para então analisar os efeitos no pós-pandemia. Para isso, são de objetivos específicos do trabalho: explicar sobre a contextualização na relação comercial entre Brasil e China; abordar o estado em que a relação bilateral entre Brasil e China a partir da soja se encontrava no pré-pandemia e posteriormente na pandemia; explicar sobre a situação ao qual a atividade de exportação de soja brasileira para a China se encontra no pós-pandemia, analisando seus efeitos e/ou implicações.

O presente trabalho caracteriza-se essencialmente como uma pesquisa qualitativa descritiva com aporte em dados quantitativos sobre a produção de soja no Brasil, a demanda de soja pela China e a exportação de soja do Brasil para a China, visando analisar o caso das exportações de soja no pré-pandemia, na pandemia e no

pós-pandemia da Covid-19, além da utilização de dados sobre às exportações de carnes do Brasil para a China durante o período que compreende o final do pré-pandemia e a pandemia da Covid-19 como fator de análise desencadeado pela ocorrência da Peste Suína Africana na China, buscando averiguar as implicações desses casos para as exportações de soja brasileira para a China no pós-pandemia da Covid-19, com o intuito de responder a hipótese e a pergunta de pesquisa. Para isso, será utilizado o Método Hipotético-Dedutivo com base em Popper (1972) que estabelece a verificação empírica através de testes ou problemas a partir da elaboração de hipóteses, para então compreender se a suposição é falsa ou não. Para a verificação, será utilizado site de base de dados brasileira como o Comex Stat (2023) através do Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços (MDIC), além de informações contidas no *United States Department Of Agriculture* (USDA), na Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) e na Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), com o intuito de analisar as projeções e estabelecer comparações para o setor da soja entre o Brasil e a China.

Desse modo, o trabalho está organizado a partir de três seções principais, a primeira seção busca conceituar e apresentar as principais características atinentes a Teoria da Interdependência Complexa, abordando as definições de Sensibilidade e Vulnerabilidade e concatenando os conceitos presentes na ordem da teoria com o comércio, o mercado internacional da soja e também com a Pandemia da Covid-19. Na segunda seção, será abordada a contextualização a partir das relações comerciais entre Brasil e a China, destacando a importância da soja como produto exportador para o Brasil e como produto importador para a China. Por fim, na terceira seção, será analisado a relação da exportação de soja do Brasil para a China a partir de três situações, que compreende o pré-pandemia, a pandemia e o pós-pandemia da Covid-19, onde será identificado as possíveis implicações ou consequências e abordado os resultados a partir da pesquisa em questão.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

Quando nos referimos à palavra ‘interdependência’ pode haver inúmeras interpretações e classificações. A título de exemplo temos os estudos de Stojanovic (1978) que analisou diversos tipos de interdependência, como: a Interdependência Primitiva, Geográfica, Cultural e Política para explicar a territorialização das sociedades globais sob a ordem das Relações Internacionais.

Em contrapartida, para este trabalho teremos como instrumento de análise a Teoria da Interdependência Complexa desenvolvida por Robert Keohane e Joseph Nye (2012) no fim da década de 1970, através do clássico “*Power and Interdependence*” que tem por objetivo analisar os efeitos gerados pela dependência entre os Estados, amplificando as discussões acerca do poder internacional, em sua esfera política, econômica e militar. No que se refere às Teorias das Relações Internacionais a Teoria da Interdependência Complexa surge no contexto da Guerra Fria como crítica à Teoria Realista. Segundo Cademartor e Santos (2016) os estudos e análises da escola realista – que era predominante nas décadas relativas à Guerra Fria - foram contestados por Keohane e Nye na medida em que os autores trouxeram uma nova visão acerca da política mundial, não se restringindo somente a segurança dos Estados.

No presente capítulo, será abordado o conceito de Interdependência complexa bem como suas principais características, objetivando relacionar o tema da pesquisa com a teoria. Para isso, teremos quatro subcapítulos, sendo que o primeiro irá tratar dos principais conceitos e das características atinentes à teoria, o segundo versará sobre os conceitos de sensibilidade e vulnerabilidade<sup>1</sup>, o terceiro irá relacionar a

---

<sup>1</sup> Como os dois conceitos serão citados em algumas partes no subcapítulo 2.1, é importante explicar brevemente acerca de suas conceituações, antes de adentrar nos detalhes que permeiam ambos os termos no subcapítulo 2.2. Nisso, “sensibilidade envolve graus de capacidade de resposta dentro de um quadro político – com que rapidez as mudanças em um país provocam custos para outro país e quão grandes são esses efeitos de custo? [...] A interdependência da sensibilidade é criada por interações dentro de uma estrutura de políticas. A sensibilidade pressupõe que a estrutura permaneça inalterada. [...] A vulnerabilidade pode ser definida como a responsabilidade de um ator em sofrer custos impostos por eventos externos, mesmo após as políticas terem sido alteradas” (KEOHANE; NYE, 2012, p. 10-11, tradução nossa).

No original: Sensitivity involves degrees of responsiveness within a policy framework – how quickly do changes in one country bring costly changes in another, and how great are the costly effects? [...] Sensitivity interdependence is created by interactions within a framework of policies. Sensitivity assumes that the framework remains unchanged. [...] Vulnerability can be defined as an actor’s liability to suffer costs imposed by external events even after policies have been altered.

interdependência complexa com o comércio e o mercado internacional da soja e o quarto discutirá sobre os termos de interdependência, vulnerabilidade, assimetria e a pandemia da Covid-19.

## 2.1 CONCEITUAÇÕES E PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS DA TEORIA DA INTERDEPENDÊNCIA COMPLEXA

Primeiramente, faz-se necessário explanar sobre a conceituação de Interdependência, ao qual Keohane e Nye (2012) definem da seguinte forma:

Na linguagem comum, dependência significa um estado de ser determinado ou significativamente afetado por forças externas. A interdependência, em sua definição mais simples, significa dependência mútua. A interdependência na política mundial refere-se a situações caracterizadas por efeitos recíprocos entre países ou entre atores em diferentes países. Esses efeitos geralmente resultam de transações internacionais – fluxos de dinheiro, bens, pessoa e mensagens através de fronteiras internacionais<sup>2</sup> (KEOHANE; NYE, 2012, p.7, tradução nossa).

Ademais, os autores analisam que a interdependência não pode ser confundida com interconectividade<sup>3</sup>, pois esta pode estar alijada de uma circunstância ao qual não implica em efeitos de custos<sup>4</sup> significativos para os atores envolvidos. Conforme Mariano (2015), com o surgimento da interdependência o poder estatal perdeu a posição de ator preponderante na política mundial em detrimento da existência de novos atores, como as organizações internacionais, as corporações internacionais e os movimentos sociais transnacionais. Além disso, como afirmam os autores:

Nossa perspectiva implica que os relacionamentos interdependentes sempre envolverão custos, uma vez que a interdependência restringe a autonomia; mas é impossível especificar a priori se os benefícios de um relacionamento vão exceder os custos. [...] Nada garante que os relacionamentos que designamos como “interdependentes” serão

---

<sup>2</sup> No original: In common parlance, dependence means a state of being determined or significantly affected by external forces. Interdependence, most simply defined, means mutual dependence. Interdependence in world politics refers to situations characterized by reciprocal effects among countries or among actors in different countries. These effects often result from international transactions – flows of money, goods, people, and messages across international boundaries.

<sup>3</sup> Keohane e Nye (2012, p.8).

<sup>4</sup> Keohane e Nye (2012, p.8) apontam que os custos ou efeito de custos relacionam-se aos ganhos ou perdas conjuntas para as partes envolvidas na relação interdependente. Já os benefícios evidenciam os ganhos relativos, ou ganhos desproporcionais na relação interdependente.

caracterizados por benefícios mútuos<sup>5</sup> (KEOHANE; NYE, 2012, p. 8, tradução nossa).

Nesse sentido, não há como prever os resultados de uma relação interdependente, sendo preciso analisar as particularidades de cada ator.

Todavia, existem outros autores que trataram do termo referente à Interdependência, como é o caso de Kroll (1993, p. 322-323) que a conceitua como um evento de vulnerabilidade mútua, em uma situação onde dois atores se localizam para firmar uma relação ao qual provocaria altos custos caso esta viesse a se romper. No entanto, se os custos não forem partilhados de maneira igual, pode haver uma relação de dependência.

Ainda, é pertinente destacar o conceito de Poder, na definição de Keohane e Nye (2012, p.10) o termo é analisado como a propensão que um ator tem de conduzir outro ator a fazer algo que em uma outra situação não o fariam, levando em conta um custo considerável para esse ator. À vista disso, o poder pode ser contemplado em um caso onde haja um controle sobre os resultados. No estudo de Estre (2011) é explicado que os autores entendem o poder como um recurso variado, no qual inclui os meios econômicos, o auxílio da opinião pública – nacional ou internacional –, a influência dos aliados políticos etc. É nesse sentido que é possível mensurar qual a capacidade que o ator tem para persuadir o resultado das negociações ou do procedimento de barganha.

Sobre a questão dos benefícios mútuos nas relações de interdependência Sarfati (2005) explana que podem haver amplos custos vinculados nessa relação. Haja vista que a interdependência pode ser assimétrica, ou seja, dois Estados A e B podem ter uma relação ao qual o grau de dependência do Estado A pode ser maior sobre o Estado B, implicando em uma situação que o Estado B pode valer-se do benefício de sua força de influência para intervir, controlar ou persuadir o Estado A. É o que Nye Jr. (2009) corrobora quando menciona que,

[...] ser menos dependente pode ser uma fonte de poder. Se duas partes são interdependentes, mas uma é menos dependente do que a outra, a parte menos dependente tem uma fonte de poder desde que

---

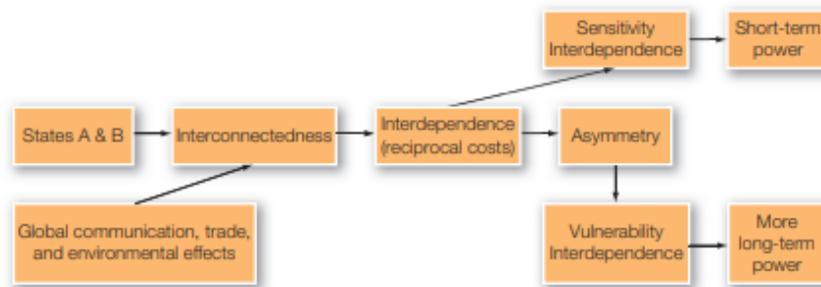
<sup>5</sup> No original: Our perspective implies that interdependent relationships will always involve costs, since interdependence restricts autonomy; but it is impossible to specify a priori whether the benefits of a relationship will exceed the costs. [...] Nothing guarantees that relationships that we designate as “interdependent” will be characterized by mutual benefit.

as duas partes valorizem a relação interdependente (NYE JR, 2009, p.256).

Dessa forma, a assimetria é uma forma de exercer o poder, tendo em vista que um ator pode utilizar da fraqueza de outro ator para se beneficiar nas relações de barganha ou negociações, sejam elas bilaterais ou multilaterais.

Nos estudos de Nye e Welch (2017) os autores analisam que a simetria se relaciona a duas situações, a primeira diz respeito a uma dependência relativamente equilibrada, já a segunda refere-se a uma dependência desequilibrada. Na perspectiva dos autores, os extremos são casos raros, tanto se imaginarmos uma simetria perfeita quanto um total desequilíbrio, como uma circunstância onde um ator é completamente dependente e o outro ator totalmente independente. Na Figura 1, podemos observar como a assimetria possui um papel central na política de interdependência.

Figura 1: A natureza assimétrica da Interdependência



Fonte: Nye e Welch (2017, p.311)

Nesse sentido, é possível entender que a interdependência não implica per se na reciprocidade dos benefícios entre dois ou mais atores. A relação de assimetria será retomada subcapítulo 2.3 intitulado “Interdependência Complexa, Comércio e o Mercado Internacional de Soja” visando compreender a ligação entre os dois assuntos.

Em contrapartida, vale ressaltar a posição ao qual a Interdependência Complexa se encontra enquanto crítica da escola realista. De acordo com Benessaieh e David (1997) na visão realista, a interdependência toma uma posição de conflito potencial e insegurança. Dado argumento é amparado por quatro ideias principais, a primeira sustenta que a chegada de um conflito presume uma interdependência

prévia, a segunda defende que a ocorrência da interdependência não elucida inteiramente a estabilidade do sistema, a terceira concebe que a interdependência é uma ameaça perante a autonomia dos Estados e a quarta depreende que a interdependência se designa como uma vulnerabilidade latente, que somente o conflito pode solucionar. Nesse sentido, na análise de Cademartor e Santos (2016) a Interdependência Complexa busca questionar três pressupostos realistas: 1- da exclusividade dos estados como atores singulares na política internacional; 2- do uso da força como resposta mais adequada da política; e 3- da existência de uma hierarquia nos assuntos atinentes à política internacional alçadas na segurança nacional. Para isso Keohane e Nye (2012) criam três características basilares da teoria da Interdependência Complexa que será discutida posteriormente neste subcapítulo.

Por conseguinte, de acordo com Benessaieh e David (1997) os autores Keohane e Nye não buscavam privar o Estado de sua posição central nas Relações Internacionais, mas apenas sugeriram a existência de novos atores transnacionais, que englobavam desde os não governamentais (corporações e bancos) até determinadas organizações sócio-políticas, com o objetivo de explicar a política internacional dos Estados. Isso pode ser observado explicitamente na obra de Keohane e Nye (2012) quando os autores afirmam que,

Nosso objetivo não era descartar as percepções da Teoria Realista, mas construir uma estrutura teórica mais ampla que pudesse abranger as preocupações realistas sobre a estrutura do poder e, ao mesmo tempo, explicar as mudanças nos processos do sistema internacional. [...] Estávamos interessados em suplementar o realismo, englobando-o em uma estrutura teórica mais ampla, e não em tentar destruí-lo<sup>6</sup> (KEOHANE; NYE, 2012, p.264, tradução nossa).

Prosseguindo, temos ainda as discussões sobre Interdependência e Globalização. Na literatura acadêmica, existe uma vasta discussão acerca do conceito de Globalização, que abrange desde o seu surgimento até a utilização do termo mais adequado para se referir ao assunto. Nesse sentido, para Keohane e Nye (2003, p.75) a Globalização se caracteriza por algo que está em constante crescimento, mas que

---

<sup>6</sup> No original: Our goal was not to discard the insights of realist theory, but to construct a broader theoretical framework that could encompass realist concerns about the structure of power while also explaining changes in the processes of the international system. [...] We were interested in supplementing realism by encompassing it in a broader theoretical framework, not in trying to destroy it.

não pode precisamente ser igualada com a Interdependência, pois esta se caracteriza como uma condição ou estado de coisas que tanto pode vir a crescer ou aumentar, a exemplo do pós Segunda Guerra Mundial, como pode decrescer ou diminuir, considerando a época da Grande Depressão em 1930.

Finalmente, nos deteremos sobre as características presentes nos estudos de Keohane e Nye (2012) que buscavam realizar uma análise acerca da Interdependência Complexa. No Quadro 1, podemos observar as três principais características desenvolvidas pelos autores:

Quadro 1: Interdependência Complexa e suas três principais características

<b>Características</b>	<b>Definições</b>
Canais Múltiplos	Os canais múltiplos conectam as sociedades, incluindo: laços informais entre elites governamentais, bem como acordos formais de relações exteriores; laços informais entre elites não-governamentais (frente a frente e por meio de telecomunicações); e organizações transnacionais (como bancos ou corporações). Esses canais podem ser resumidos como relações interestatais, transgovernamentais e transnacionais.
Ausência de Hierarquia entre os assuntos	A agenda das relações interestatais consiste em múltiplas questões que não estão organizadas em uma hierarquia clara ou consistente. Esta ausência de hierarquia entre os assuntos significa, entre outras coisas, que a segurança militar não domina consistentemente a agenda. Muitas questões surgem do que costumava ser considerada como política interna, e a distinção entre as questões internas e externas torna-se confusa. Estas questões são consideradas em vários departamentos governamentais (não apenas em negócios estrangeiros) e a vários níveis. A coordenação política inadequada sobre estas questões envolve custos

	significativos. Diferentes questões geram diferentes alianças, tanto dentro dos governos como entre eles, e envolvem variados graus de conflito.
Papel reduzido do Poder Militar	A força militar não é usada pelos governos contra outros governos da região ou sobre as questões, quando prevalece a interdependência complexa. Pode, no entanto, ser importante nas relações destes governos com governos fora daquela região, ou em outras questões. A força militar pode, por exemplo, ser irrelevante para a resolução de divergências acerca de questões econômicas entre os membros de uma aliança, mas ao mesmo tempo pode ser muito importante para as relações políticas e militares dessa aliança com um bloco rival. Nas primeiras parcerias, essa condição de interdependência complexa seria atendida, nas últimas não.

Elaboração própria de acordo com Keohane e Nye, 2012, pp. 20-21, tradução nossa.

As características da Interdependência Complexa para Keohane e Nye (2012) apresentam um ponto de contrapartida à visão realista, demonstrando uma perspectiva nova frente à política internacional como já explanado.

Desse modo, seguindo as três definições mencionadas pelos autores, Sarfati (2005) examina que os Canais Múltiplos corroboram com a ideia de que as Relações Internacionais Contemporâneas são determinadas por um intercâmbio mais amplo de trocas ou contatos entre as pessoas e atores de uma forma geral. Como é o caso dos bancos internacionais e das empresas multinacionais que influenciam as relações interestatais ou se levarmos em consideração os atores transnacionais quando atingem em demasia a sensibilidade de interdependência sobre os Estados. Nessas circunstâncias, ao passo que as Relações Internacionais pendem mais para um panorama transnacional, há uma maior sensibilidade dos Estados ante a propagação desses canais múltiplos.

Em contrapartida, no que tange segunda característica o autor menciona que para as questões que envolvem assuntos militares e não-militares não há Hierarquia, ou seja, no panorama da relação entre os países que não estão envolvidos em áreas

de conflito, como no Oriente Médio por exemplo, essa relação vem se configurando de uma forma mais complexa, à medida que temas relacionados a cooperação comercial, ambiental e financeira vem protagonizando um papel mais incisivo nas relações entre esses países. Nesse caso, o autor cita as relações entre Estados Unidos, Japão e União Europeia.

Por fim, temos a característica atinente ao Papel reduzido da Força Militar, que representa uma circunstância aonde podem haver outras formas de poder fora a militar, exemplificativamente por meio da ação de empresas multinacionais. Além disso, o autor infere que contenções ecológicas e econômicas nos campos diplomáticos vêm sucedendo uma posição mais relevante que as relações militares.

## 2.2 AS DEFINIÇÕES DE SENSIBILIDADE E VULNERABILIDADE

No subcapítulo anterior foi explanado sobre a definição de poder. Agora, será abordado duas definições de suma importância para entender o papel do poder nas relações de interdependência, que podem ser analisados sob a ótica de duas concepções: a Sensibilidade e a Vulnerabilidade. De acordo com Keohane e Nye (2012) a Sensibilidade abrange os níveis de afetação de um país para outro, ou seja, com que celeridade as mudanças presentes em um país afetariam outro país? Esses níveis de afetação são mensurados tanto pelas mudanças nas transações sobre as sociedades e governos como também através da extensão de fluxos entre fronteiras. Nesse viés, a interdependência de sensibilidade é concebida por meio das relações dentro de um arranjo de políticas. Ademais, a sensibilidade leva em consideração a invariabilidade da estrutura, pois se um arranjo de políticas se mantém constante, é possível que haja problemas na formulação de novas políticas em um período reduzido de tempo ou até mesmo pode implicar em um comprometimento envolvendo um esquema de regras nacionais e internacionais.

Por outro lado, os autores argumentam que a Vulnerabilidade se refere ao comprometimento que um ator detém ao sofrer custos advindos de fenômenos externos, ainda que os arranjos políticos tenham sido modificados. Com isso, a dependência da vulnerabilidade é mensurada somente pelo custo procedente de um âmbito político alterado através de um determinado espaço de tempo.

Com base no exposto, podemos entender que os níveis de Sensibilidade são mensurados mediante um ambiente político inalterado enquanto os níveis de

Vulnerabilidade são medidos por intermédio de um meio político alterado. É por esse escopo que podemos distinguir um conceito do outro.

Para uma melhor compreensão Nye e Welch (2017) demonstram exemplos práticos acerca dos dois conceitos. A começar por um caso envolvendo a Sensibilidade ocorrida em 1987 nos Estados Unidos, quando investidores estrangeiros retiraram seus investimentos do mercado de ações de Nova York devido às preocupações com a taxa de juros. A rapidez com que houve essa retirada acabou por aumentar a sensibilidade do mercado de ações nova-iorquino. Já com a Vulnerabilidade, os autores trazem a comparação entre Estados Unidos e Japão durante a crise do petróleo em 1973, quando o Japão dependia sobremaneira da importação desse combustível fóssil em comparação com os Estados Unidos. Nisso, após o embargo dos árabes em relação a exportação do petróleo, o Japão ficou totalmente vulnerável, enquanto os Estados Unidos ficaram apenas sensíveis, pois dependiam menos desse combustível.

Os conceitos de Sensibilidade e Vulnerabilidade são apresentados com fins de compreensão, como dois termos importantes na obra de Keohane e Nye (2012).

### 2.3 INTERDEPENDÊNCIA COMPLEXA, COMÉRCIO E O MERCADO INTERNACIONAL DE SOJA

No que concerne o Comércio Internacional, Keohane e Nye (2012, p.8-9) relacionam com a perspectiva de custos, já mencionadas anteriormente, onde colocam como exemplo a Teoria da Vantagem Comparativa<sup>7</sup>, onde os economistas clássicos defendem que o comércio internacional irá proporcionar ganhos conjuntos aos países. Nesse sentido, a Teoria da Interdependência surge para entender como esses ganhos serão distribuídos, e a forma ao qual esses ganhos serão partilhados, isto é, se haverá conflitos na distribuição desses ganhos. Nisso, os autores defendem que a circunstância de haver uma relação interdependente, não exclui a possibilidade de haver conflito, uma vez que há a possibilidade de uma das partes – envolvidas nessa relação – buscarem um meio para obter maiores ganhos e conseqüentemente maior poder.

---

<sup>7</sup> Segundo Amaral et al. (2005, p.103) “a vantagem comparativa reflete o custo de oportunidade relativa, isto é, a relação entre as quantidades de um determinado bem que dois países precisam deixar de produzir para focar sua produção em outro bem”.

Em contrapartida, o mercado internacional de soja detém uma forte influência sobre os países, cujo impacto resvala nas atividades de importação e exportação. Isso se deve tanto às múltiplas formas que a *commodity* é utilizada, seja para a produção de óleos e ração animal ou para a inovação tecnológica que induz a competitividade entre os países produtores e consumidores. Tais apontamentos são corroborados ao analisarmos que,

A soja representa, no nível mundial, o papel de principal oleaginosa produzida e consumida. Tal fato se justifica pela importância do produto tanto para o consumo animal, através do farelo de soja, quanto para o consumo humano, através do óleo (BATISTA; MACHADO; SILVA, 2011, p.2).

Diante disso, como anteriormente explanado, a Interdependência Complexa se concentra em um estado de dependência recíproca que resultam em custos para os atores envolvidos. No caso do mercado internacional de soja, a interdependência se conecta pela assimetria nas relações atinentes ao fluxo comercial dessa *commodity*, pois contemplam diversos fatores em seu panorama competitivo que podem ocasionar custos variados aos países. Conforme Bezerra Sampaio, Sampaio e Bertrand (2012) os fatores de competitividade da soja levam em consideração os gastos para se produzir a soja, a qualidade e a tecnologia utilizada em cada estado produtor, a concorrência de preço que interfere na política de câmbio dos países, a disputa territorial que se conecta as fontes naturais da região, ao cenário pluviométrico dos territórios produtores e também no investimento do Estado no quesito da infraestrutura, a exemplo do transporte e da armazenagem da soja, bem como na elaboração de políticas públicas que vão desde as políticas agrícolas até as ligadas ao comércio exterior e ao regime cambial.

Como elemento de especificidade, a soja apresenta alguns fatores que explicitam o grau de sua importância. De acordo com Hirakuri e Lazzarotto (2014), o grão da soja possui um alto teor de proteínas (por volta de 40%) de alta qualidade, sendo que há cerca de 20% de óleo em sua composição que podem ser usados para o consumo humano e também para a fabricação de biocombustíveis. Além disso, a partir do ano 2000 as ofertas ligadas a produção tecnológica ampliaram sobremaneira a produtividade e a área da oleaginosa. Nesse sentido, fica evidente os motivos que permeiam a competição entre os países que buscam protagonismo no mercado mundial dessa *commodity*.

No que se refere aos principais países e regiões que se destacam no cenário comercial da soja, a USDA (2023) apresenta que no ano de 2023, o Brasil ocupa 41% de toda a produção mundial da soja, em segundo lugar vêm os Estados Unidos com 28% e em terceiro a Argentina com 12%. Juntos, esses países concentram um total de 81% de toda a produção no mundo. No que concerne as importações, a China ocupa 60%, seguido da União Europeia com 8% e do México com 4%. O que faz da China um país altamente demandante da soja.

#### 2.4 INTERDEPENDÊNCIA, VULNERABILIDADE, ASSIMETRIA E A PANDEMIA DA COVID-19

Como apresentado no subcapítulo 2.2 a Sensibilidade é definida como um estado de níveis de custo que um país sofre a partir das mudanças presentes em outro país, já a Vulnerabilidade se caracteriza pelo comprometimento que um ator tem em sofrer custos provenientes de ocorrências externas. De acordo com Basrur e Kliem (2021) a Pandemia da Covid-19 se alastrou pelo mundo e concomitantemente veio a se tornar um dos maiores desafios globais da atual geração. Nesse panorama, de um mundo globalizado e interconectado, com fluxos transfronteiriços contínuos de bens, moedas, serviços e comunicação interpessoal, fica evidente a vulnerabilidade que os países sofrem à medida que a Pandemia da Covid-19 evidencia uma consequência conjunta, de proporções mundiais.

Dessa forma, em um cenário permeado pela Pandemia da Covid-19, marcado pela desestabilização econômica, política e social, os custos provenientes do estado de Interdependência assumem uma posição assimétrica uma vez que os recursos econômicos de países mais desenvolvidos propiciam uma maior vantagem em comparação com os menos desenvolvidos. Para Jaguaribe (2021) a crise da Pandemia da Covid-19 evidencia o binômio de Interdependência entre processos-chaves, estes se ligam entre o avanço tecnológico e as trocas científicas abertas, a ampliação econômica e a cidadania inclusiva que diz respeito ao acesso global à saúde e educação, ao comércio e ao espaço de normas compartilhadas, bem como da globalização e da ordenação de bens públicos globais. A autora analisa que tais binômios necessitam de um maior protagonismo no que tange os debates políticos e as negociações internacionais. Ainda, conforme Pedroso e Poiatti (2023) os países não detêm da mesma condição financeira para dispor dos meios necessários em uma

situação crítica como a da Pandemia da Covid-19, haja vista que as consequências culminam em crises de desemprego, falência de empresas, diminuição da renda familiar, entre outros. Com base nisso, os países de renda mais baixa enfrentam um maior desafio ao lidarem com o aumento em suas dívidas públicas. Enquanto os países mais desenvolvidos apresentam uma maior condição financeira para arcarem com suas dívidas.

Por conseguinte, como fator de exemplo prático, é importante destacar a desigualdade na distribuição das vacinas contra a Covid-19, que corroborou para cenário de sobreposição dos países mais ricos em detrimentos dos países mais pobres. Segundo Buss e Souza (2021) a disponibilização restrita de doses de vacinas, com baixas perspectivas para a ampliação na elaboração de curto prazo, direcionam os países a um panorama de desafios quanto ao acesso equitativo dessas vacinas. De toda forma, o que ocorreu na prática foram gerenciamentos de distribuição das vacinas que decorriam em contramão a um sistema equitativo de divisão das doses. À vista disso, Yamey (2021) explana sobre a situação quanto as disposições de vacinas analisadas até o segundo mês de 2021, especificamente em 24 de fevereiro, onde mais de três quartos (ou seja, 75%) foram destinadas somente para 10 países que detém cerca de 60% do Produto Interno Bruto (PIB) mundial, em um contexto ao qual já havia sido administrada mais de 190 milhões de doses de vacinações para o combate da Covid-19. Enquanto isso, em 130 países com 2,5 bilhões de pessoas, não havia sido administrado nenhuma dose. Os países mais desenvolvidos compõem somente 16% da população global, porém detinham mais da metade de todas as doses da vacina produzida para o combate do vírus.

Perante o exposto, é possível observar que os custos provenientes da Pandemia da Covid-19 são empregados de forma diferenciada para determinados atores no cenário mundial. Nesse caso, os países prejudicados pela má distribuição de doses da vacina sofrem não somente com a falta de recursos para arcar com as sucessivas crises de desemprego, sanitárias e de incertezas futuras, que levaram muitas pessoas buscarem alternativas para conseguir sobreviver, como também expõe a população ao risco de morte que poderia ser evitada com a aplicação das vacinas.

No próximo capítulo, intitulado “Contextualização da soja nas relações comerciais entre Brasil e China” é apresentado a importância do setor da soja para as exportações brasileiras e para as importações chinesas, evidenciando o estado de

interdependência desses países através da necessidade pela compra e venda do produto.

### **3 CONTEXTUALIZAÇÃO DA SOJA NAS RELAÇÕES COMERCIAIS ENTRE BRASIL E CHINA**

As relações comerciais entre Brasil e China detém um significativo impacto na economia de ambos os países, propiciado por uma parceria que ao longo dos anos atingiu uma posição de recrudescimento, principalmente no setor do agronegócio. Nesse sentido, o presente capítulo objetiva contextualizar a relação comercial entre os dois países, analisando brevemente os acontecimentos que ao longo dos anos fariam com que a parceria entre Brasil e China apresentasse uma posição vital nesse panorama econômico bilateral. Ainda, será analisado o fator de interdependência entre as duas nações, identificando como se posicionam nesse cenário.

Desse modo, após a explanação das relações comerciais, busca-se analisar especificamente o setor da soja, que representa uma posição de destaque no cenário de parceria bilateral entre Brasil e China. Para isso, objetiva-se explanar sobre a produção e exportação de soja no Brasil, evidenciando a importância dessa *commodity* para o país em termos econômicos. Em contrapartida, será abordado acerca da importação de soja para a China averiguando a necessidade que a compra do produto detém para a economia chinesa e para sua população até o destaque que a soja detém ao posicionar o país como maior importadora do produto no mundo. Nisso, tanto para as atividades de exportação quanto importação de soja, será utilizado informações do *United States Department of Agriculture* (USDA) e da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) para fins de análise quantitativa acerca das temáticas apresentadas.

#### **3.1 RELAÇÕES COMERCIAIS ENTRE BRASIL E CHINA**

As relações comerciais entre Brasil e China se estabeleceram perante um ambiente crítico da história do Brasil, a partir de 1974. Segundo Silvestre (2021), mesmo com o cenário da ditadura militar brasileira e a influência estadunidense nas relações com o Brasil, o acordo comercial com a China é firmado e continuamente

aprofundado. A partir disso, conforme Villela (2004) de 1974 até o começo dos anos de 1990, o fluxo comercial entre os dois países foi crescendo de maneira cautelosa, em um panorama onde o Brasil iniciava sua abertura no mercado internacional e a China aprofundava suas reformas econômicas, o que propiciou um ambiente mais célere de trocas comerciais entre os dois países.

Contudo, foi a partir do início do século XXI que as relações entre Brasil e China se fortaleceram no tocante a suas atividades produtivas comerciais. Na análise de Becard (2011) a partir do ano 2000 houve um amplo crescimento na relação comercial sino-brasileira, que se evidencia tanto pelo fim do Plano Real no Brasil como pela incorporação chinesa a novos fluxos de crescimento no comércio a partir da superação da crise financeira asiática da época. Ainda conforme a autora, uma parte significativa das exportações no Brasil para a China nesse começo de século foi constituída a partir de matérias primas e alimentos como o aço, o minério de ferro e a soja, que juntos correspondiam em mais de 70% das vendas no ano de 2004. Por conseguinte, o foco do Brasil ante o agronegócio foi continuado com o passar dos anos, com a promoção de investimentos, em principal, ao mercado chinês que cada vez mais se estabelecia perante a abertura comercial.

Dessa forma, por meio das negociações e parcerias firmadas, as relações comerciais do Brasil com a China a partir do ano 2000 aumentariam de maneira mais acelerada. De acordo com Andrade, Leite e Naretto (2015),

A passagem para o novo século abriu novas portas para os negócios sino-brasileiros e propiciou novas facetas para as relações bilaterais entre os países. Gradativamente, com a superação das crises financeiras asiática e brasileira, o ingresso da China na OMC, a expansão da produção, da demanda e das condições de logística para o comércio de ambos os países e o melhor conhecimento dos respectivos mercados ampliou-se a corrente de comércio e os investimentos diretos entre Brasil e China (Andrade; Leite; Naretto, 2015, p.8).

Com isso, a economia de ambos os países passava por um recrudescimento no sentido em que as trocas comerciais – como as de mercadorias primárias - propiciariam benefícios mútuos, tanto para o Brasil quanto para a China. Após o ano de 2002 as *commodities* passaram por uma alta de preços que resvalaria nas relações sino-brasileiras, e com o chamado “efeito-China”, marcado pelo crescimento econômico chinês a partir do início do século XX, as relações comerciais com o Brasil

passariam por um estreitamento cada vez mais aprofundado<sup>8</sup>. Conforme Marçal e Prates (2008) esse crescimento na economia chinesa era destacado por setores intensivos em *commodities*, tais como as industriais (metalurgia, automotiva, de construção civil) e metálicas, que requereu a demanda por esses bens, ao passo que com o crescimento populacional chinês foi-se necessitando de uma maior compra externa de alimentos e *commodities* agrícolas. É nesse contexto que o Brasil, como importante fornecedor de bens primários, foi beneficiado a partir da demanda chinesa.

Assim sendo, em um comparativo com os bens comercializados entre Brasil e China, Brasil (2018) explana que antes da China entrar para a Organização Mundial do Comércio (OMC) em 2001, os valores de bens comercializados entre ambos os países não ultrapassavam os US\$3 bilhões, mas com o crescimento nas relações comerciais ao passar dos anos, esse valor veio a atingir US\$83 bilhões em 2013, somando os valores das exportações e importações. Vale ressaltar ainda o marco que posicionou a China em um patamar de destaque no cenário comercial com o Brasil, ao qual segundo Oliveira (2010), com o fechamento dos dados relativos ao comércio exterior em 2009 a China se tornou o principal parceiro comercial do Brasil, superando os Estados Unidos em uma colocação liderada por 80 anos na soma das importações e exportações. Tal acontecimento posicionou a China em um patamar de destaque perante as negociações firmadas com o Brasil, no sentido que muitos produtos comercializados no Brasil passaram a ter como principal direcionamento o mercado chinês, principalmente no que concerne as *commodities* agrícolas.

De acordo com Brasil (2018) as exportações brasileiras para a China se concentram substancialmente em *commodities* agrícolas e em minérios. No ano de 2016, mais de 70% dos produtos destinados para a China foram compostos por minério de ferro, petróleo e soja. Além disso, nesse mesmo ano 18,1% do comércio total brasileiro foi destinado para a China. Isso demonstra o fator de dependência do Brasil para com a China, a partir da análise de que uma quantidade expressiva dos bens primários brasileiros é destinada para o mercado chinês. Além disso, há uma interdependência assimétrica na relação comercial entre o Brasil e a China. Tal afirmação é corroborada pelo estudo de Gomide (2017) que elabora a análise a partir dos indicadores de Herfindahl (1959), Hirschman (1945) e Barbieri (1996), onde explica que:

---

<sup>8</sup> Para a análise da alta dos preços das *commodities* e do chamado “efeito-China” ver em Ferreira (2018).

[...] a pauta comercial do Brasil possui uma dupla concentração: sua pauta setorial é concentrada, e dentro desta, os parceiros regionais também são. Principalmente a partir de 2008, a pauta de exportação brasileira passou a ser bastante concentrada no seguimento de minérios metálicos, produtos que, em 2014, chegaram a representar cerca de 14% do total exportado. Dentro desta parcela, 42% é destinado somente para a China, evidenciando a concentração regional. A China, por sua vez, possui uma pauta comercial mais diversificada, tanto setorialmente quanto regionalmente, deixando o país menos suscetível à economia de um parceiro comercial específico (GOMIDE, 2017, p.58)

Analisando essa situação é possível identificar que em um possível rompimento nas relações comerciais entre os dois países, o Brasil sairia em maior desvantagem, tendo em vista que a China tem uma dependência comercial menor se comparado com o Brasil. Entretanto, conforme Oliveira (2010, p.95) dada a importância no fornecimento dessas matérias-primas, a China busca manter uma relação comercial segura e estável com o Brasil, principalmente em produtos como minério de ferro e a soja.

Nesse sentido, no caso específico da soja, há também uma interdependência assimétrica, uma vez que a China não tem somente o Brasil como fornecedor do produto, e pode recorrer a outros fornecedores caso haja problemas nas exportações brasileiras, apesar de comprar e demandar em grande quantidade a soja do Brasil. Segundo Umbelino (2021, p.53), “a nação chinesa não depende apenas de um Estado produtor, logo em uma eventual crise da soja, este pode recorrer a outros países”. Como já descrito, o Brasil, juntamente com a Argentina e os Estados Unidos, concentram mais de 80% de toda a oferta mundial de soja, podendo a China recorrer aos dois últimos países para suprir sua demanda caso houvesse algum rompimento no fornecimento da soja pelo Brasil. Segundo Comex Stat (2023) a China demanda mais de 70% de toda a soja exportada do Brasil em 2023, o que levaria o país a sofrer uma perda muito expressiva caso houvesse um possível rompimento com o país asiático.

Com base no exposto, P. Lima (2023) faz um comparativo entre os anos de 1997-2022 na balança comercial entre Brasil e China, e constata que houve um acréscimo de 58 vezes no valor dos produtos exportados, que foram de US\$ 1,5 bilhões em 1997 para US\$ 90,7 bilhões em 2022, ao passo que no tocante as importações chinesas houve um crescimento de 39 vezes no valor, que era de US\$ 1,5 bilhões em 1997 e foi para US\$ 61,5 bilhões em 2022. Por conseguinte, segundo

dados do ComexStat (2023) de janeiro a setembro de 2023, as exportações brasileiras para a China foram de US\$ 77,2 bilhões enquanto as importações contabilizam US\$ 39,6 bilhões, ambas em valor FOB ou *Free on board* que se caracteriza pela responsabilidade que o comprador detém sobre os custos e riscos perante a mercadoria. Dessa forma, com base na presente contextualização, pode-se entender a importância na trajetória direcionada às relações comerciais sino-brasileiras, de benefícios econômicos recíprocos para ambos os países e de contínuo crescimento na relação importação-exportação.

Ao longo deste subcapítulo, foi mencionado o destaque que as *commodities* agrícolas detém nas atividades de trocas comerciais entre Brasil e China, onde foi mencionado a presença da soja nessas relações. Segundo Campos e Marques (2020) a soja se destaca como o principal produto exportado do Brasil para a China. Nisso, como fator de especificidade, nos próximos subcapítulos será feita a análise sobre o papel da soja no tocante a produção e exportação brasileira. Por conseguinte, a explanação da *commodity* será direcionada para a importação da China.

### 3.2 PRODUÇÃO E EXPORTAÇÃO DE SOJA NO BRASIL

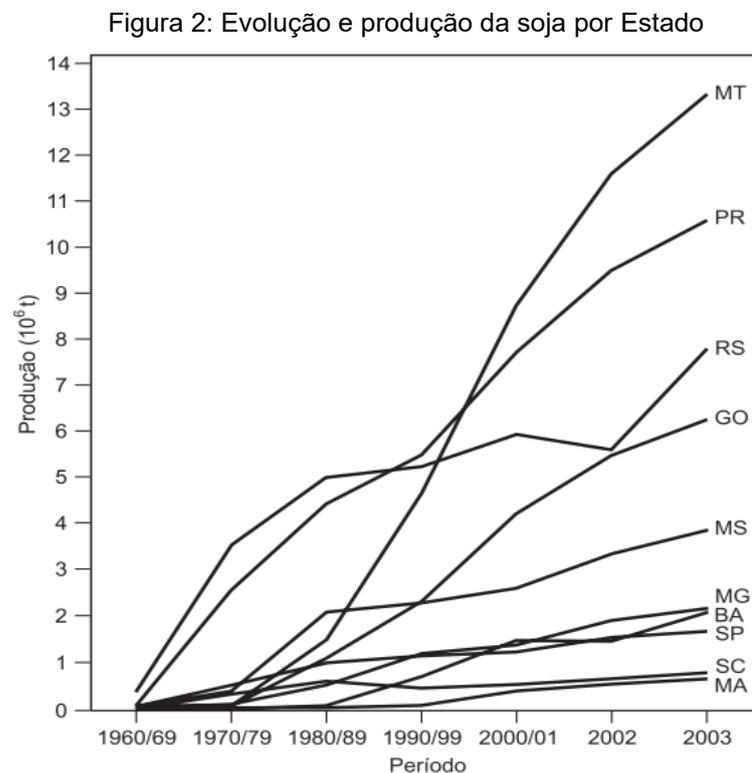
De acordo com Melo (2019) a soja chegou ao Brasil em 1882, no estado da Bahia. Porém, só passou a ser utilizada para fins comerciais no final da década de 1960 nas áreas situadas no Rio Grande do Sul. Na análise de Umbelino (2021) a experiência da soja na Bahia falhou por fatores concernentes a adaptação, tendo em vista que as variedades lá existentes eram mais adaptáveis ao clima frio ou temperado. Com isso, além do direcionamento da produção de soja para a região Sul do país, Melo (2019) explica que, a partir de 1979, houve o direcionamento dos produtores para o Centro-Oeste brasileiro, pois os preços estavam aumentando e os produtores necessitavam de mais terras para o cultivo da soja, e foi no Cerrado que encontraram áreas cultiváveis que poderiam suprir suas necessidades.

Conforme Hirakuri e Lazzarotto (2014) na década de 1970 e no início de 1980, a ampliação da soja se respaldou na abertura e consolidação de novas terras situadas tanto nas regiões Sul quanto no Centro-Oeste brasileiro. Nisso, o autor analisa que a expansão da soja para novas terras ocorreu por meio de três fatores: 1- a situação de um mercado favorável; 2- o incentivo ao complexo agroindustrial brasileiro a partir de políticas agrícolas; 3- crescimento e consolidação de uma ampla cadeia produtiva,

que propiciou a oferta cada vez mais volumosa de tecnologias modernas de produção, direcionadas para diversos fins, como a produção de sementes, aperfeiçoamento vegetal, o gerenciamento e a fertilidade do solo, além da monitorização e controle de pragas e doenças. À vista disso, na metade a década de 1980, já com a estabilização da cadeia produtiva da soja brasileira como um setor modernizado e dinâmico, o desenvolvimento de ampliação da área cultivada se estendeu para novos territórios, com o intuito de substituir outras atividades de cunho produtivo como o cultivo de arroz e a bovinocultura. Nesse cenário, a soja começou a ocupar paulatinamente terras com pastagens degradadas, já que essas terras possuíam baixa eficiência econômica se comparado com a exploração da oleaginosa.

Nesse contexto, segundo Batista, Machado e Silva (2011) a partir de 1990 a cadeia agroindustrial da soja foi fortificada com base nos processos modernizadores advindos da agricultura brasileira. Nisso, a soja começa a ganhar um espaço de destaque na economia nacional, se tornando crucial no tocante ao aumento da renda, emprego e das atividades de exportação no país.

A partir de então, a produção de soja continuou a obter destaque nas regiões do Sul e do Centro-Oeste brasileiro, como se pode observar na figura 2 abaixo.



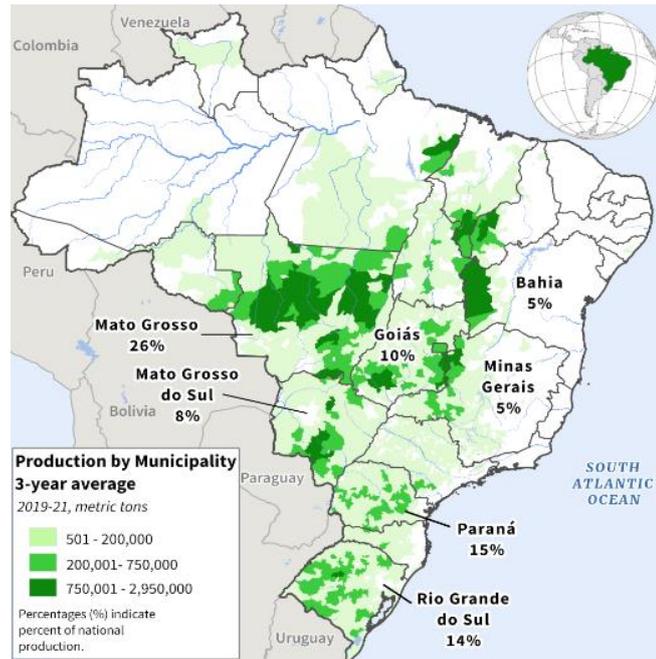
Fonte: Embrapa (2003)

Com isso, a produção de soja no Brasil se consolida como um setor de exponencial crescimento que posiciona o país como um dos mais importantes *players* no cenário econômico internacional. A título de exemplo, Cunha e Espíndola (2015) comparam que entre a safra de 2003/2004 a área para o plantio da soja foi 21,3 milhões de hectares, enquanto entre 2013/2014 passou para 30,1 milhões de hectares, ao qual ocupava um total de 53% da área cultivada para grãos no país.

Com base nas análises de crescimento em torno da soja ao longo dos anos, foi observado que o país alcançou um patamar de destaque no panorama mundial. Conforme Guaraldo (2021) entre 2000 a 2020, o país se mantinha na segunda posição no que concerne a produção e exportação de soja, mas ainda em 2020 o país conquistou o primeiro lugar, considerando o total de 126 milhões de toneladas produzidas, ao passo que 84 milhões de toneladas foram exportadas. Com isso, o Brasil era posicionado não só como o maior produtor, mas também como o maior exportador de soja a nível mundial. Segundo Brasil (2022) as exportações de soja brasileira têm como destino a China, Irã, Japão, Tailândia, Turquia, Vietnã e Espanha.

De acordo com o USDA (2023) a soja brasileira apresenta um percentual de 41% na produção total mundial em 2023, sendo que no levantamento entre 2019 e 2021 grande parte dos estados produtores continuam concentrados no Sul e no Centro-Oeste do país, com destaque para o Mato Grosso com 26% da produção nacional. Consoante a isso, as porcentagens relativas ao total produzido no país e seus respectivos percentuais, podem ser observados na figura 3 abaixo.

Figura 3: Produção de soja no Brasil



Fonte: USDA (2023)

Segundo Hirakuri e Lazzarotto (2014) o setor produtivo da soja tem uma significativa relevância socioeconômica para o Brasil, já que movimenta um expressivo número de negociadores e organizações associados aos múltiplos setores socioeconômicos, a exemplo de indústrias de máquinas e equipamentos, cooperativas agroindustriais e agropecuárias, fabricantes e produtores de óleos, rações e usinas de biodiesel etc. Dessa forma, o setor da soja se caracteriza como um importante gerador de renda e riqueza nacional, ocupando um espaço de proeminência para o desenvolvimento econômico do Brasil.

Contudo, é necessário destacar o papel da *commodity* enquanto produto amplamente exportado pelo Brasil. Melo (2019, p.21) fomenta que o êxito da soja no mercado internacional tem sua explicação centrada na pluralidade de sua utilização. Com base no esmagamento do grão tem-se dois tipos de produto, o óleo bruto e o farelo. Por conseguinte, o farelo de soja pode ser utilizado como complemento alimentício na produção de ração animal enquanto o óleo bruto passa por uma etapa de degomagem, resultando no óleo degomado, após esse processo o óleo é neutralizado e então branqueado. A partir dessas etapas é feito o refinamento do óleo branqueado que passa a ser consumido na forma de margarinas, óleo de cozinha, gorduras etc.

Perante o exposto, foi possível compreender a importância que a soja tem no quesito de produtividade e na pauta exportadora do país, que segundo Batista,

Machado e Silva (2011) quando interligada aos baixos custos de produção, a ampla produtividade e também aos preços competitivos no mercado externo, o que se obtém é o destaque da soja como uma das atividades mais importantes da agricultura brasileira no tocante as exportações. Tais resultados advém não só da diversidade de sua utilização, mas principalmente dos avanços em pesquisa e tecnologias que propiciam resultados eminentes.

No próximo subcapítulo será discorrido acerca da participação da China nas atividades de importação de soja, analisando não somente a importância que a soja tem para a população chinesa, mas também examinando a posição de destaque que o país detém na demanda por essa matéria-prima.

### 3.3 A RELEVÂNCIA DA IMPORTAÇÃO DE SOJA PARA A CHINA

Segundo Brasil (2018) as reformas econômicas chinesas realizadas no fim da década de 1970 sob o comando de Deng Xiaoping, acarretaram no despertar do que viria a ser um gigante econômico, estimulando a criação de empresas rurais e empreendimentos privados que gerariam amplos investimentos para a produção industrial e para mão-de-obra local. Nisso, barreiras regionais ao comércio foram suprimidas à vista de instituir um mercado nacional unificado, o que resultou na expansão da mobilidade de bens e pessoas, e posteriormente no aumento da urbanização, do poder de compra da população e conseqüentemente do consumo de alimentos. Ainda, em 1986, a China solicita a entrada no Acordo Geral de Tarifas e Comércio (do inglês *General Agreement of Tariffs and Trade – GAAT*), o que resultou em um maior poder de influência na economia mundial.

Consoante o exposto, Bispo (2021) explana que a partir desse panorama de desenvolvimento, o meio rural necessitava sustentar as demandas alimentares provenientes da zona urbana, que começavam a amplificar o mercado de consumo chinês. À vista disso, a China passa a integrar oficialmente a Organização Mundial do Comércio (OMC) em 2001 e reduz os impostos voltados para a importação de grãos para alimentação, como a soja. A partir de então, a soja passa a ser uma matéria-prima cada vez mais demandada no país. De acordo com Barbosa, Gaia e Pinto (2021 apud SHIN, 2008) a relevância na importação de soja para a China se verifica pela utilização de diversos meios, seja através de óleo de cozinha, ração animal ou para óleo combustível. Ademais, a ausência de terras próprias para o cultivo, em razão da

intensa urbanização e da falta de água, acarreta na ampla necessidade de soja para o país. Tal análise é corroborada da seguinte forma,

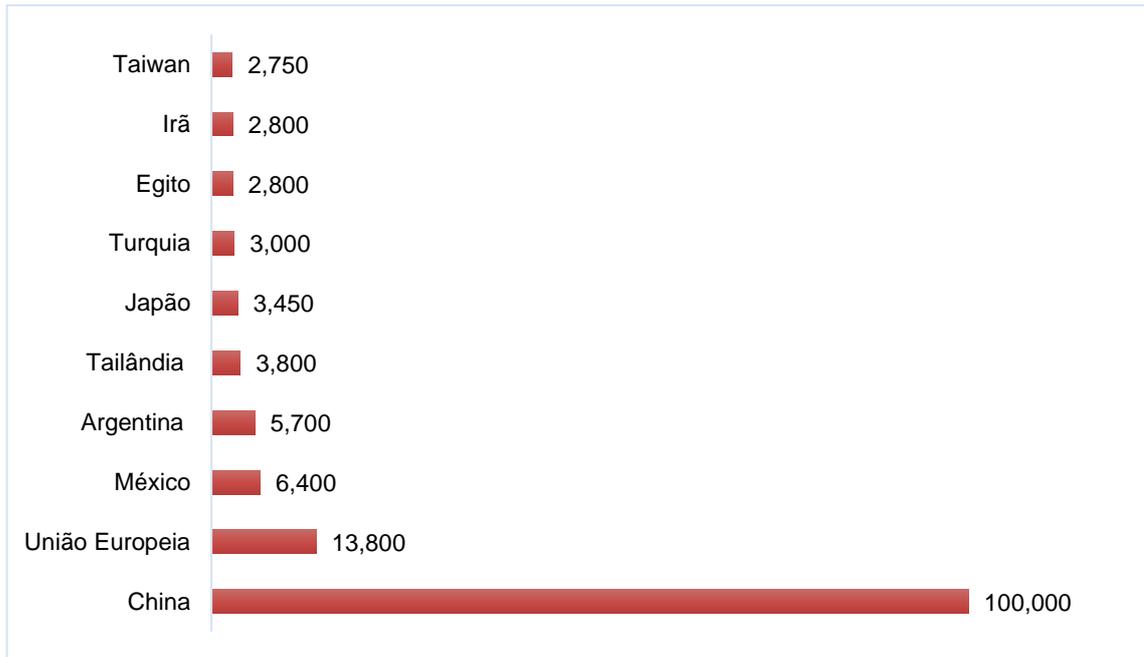
Com a mudança nos padrões de consumo da comunidade chinesa e a maior utilização de proteína animal em seu dia a dia, o complexo soja ganhou cada vez mais projeção, visto que além deste grão servir de alimento para os humanos, é utilizado também em larga escala na produção de ração animal que fazem parte da cadeia produtiva de carne (UMBELINO, 2021, p. 36).

Desta forma, a soja detém maiores investimentos com base na necessidade e limitações que a China possui no quesito produtivo e distributivo, levando em consideração a alta demanda pelo produto.

Destarte, adentrando especificamente nos problemas advindos da área cultivável agrícola da China, Bispo (2021) fomenta que embora o país asiático disponha de um amplo território, sua área para cultivo é limitada. Por conta disso, sua produção se concentra substancialmente em planícies, já que as regiões com predominância de montanhas apresentam um clima mais severo, que impossibilita ou dificulta o cultivo da soja. Tais problemáticas são acentuadas pelo alto nível populacional, que torna crucial o requisito de investimentos em tecnologias que elevem a produtividade e a importação de matérias-primas agrícolas, como a soja.

Com base na crescente demanda chinesa pela soja ao longo dos anos, o país passou a ocupar uma posição de destaque na compra da matéria-prima em escala mundial. Conforme De Maria et al. (2020) no intervalo de vinte anos, a China obteve um acréscimo na importação de soja no mundo de 5,5% em 1997 para 63% em 2017. O que fez da China a principal importadora de soja do mundo. Tal destaque ainda se verifica nos dias atuais. Segundo dados da USDA (2023) entre janeiro a setembro de 2023 foram importadas 165,971 milhões de toneladas de soja no mundo, desse total, 100,000 milhões de toneladas são provenientes das importações chinesas. Para efeito de comparação, a União Europeia que se posiciona como segunda colocada no *ranking* de importações de soja, comprou 13,800 milhões de toneladas, ocupando 8% da importação mundial do produto, enquanto a China ocupa 60% de toda a compra da oleaginosa. Por meio do gráfico 1 abaixo é possível observar os valores importados e a posição que os países se encontram no *ranking* de importação mundial de soja.

Gráfico 1: *Ranking* por países em ordem crescente das importações mundiais de soja (em milhões de toneladas) de janeiro a setembro de 2023



Fonte: USDA (2023). Elaboração própria.

Em relação aos países dos quais a China importa soja, o Brasil e os Estados Unidos ganham destaque. Segundo Umbelino (2021 apud OEC, 2021) em 2019 os chineses totalizaram U\$ 32,1 bilhões em importações de soja, das quais U\$ 20,5 bilhões foram importados do Brasil e U\$7,87 bilhões dos Estados Unidos. Isso se verifica pela alta participação de ambos os países na produção de soja.

Perante o exposto, foi possível analisar e entender a relevância que a soja tem como produto importador para a China, como uma matéria-prima de ampla necessidade para a população chinesa e que serve de base para a produção do consumo, não só humano, mas também animal.

No próximo capítulo, intitulado *Do pré ao pós-pandemia da Covid-19: implicações perante a exportação de soja do Brasil para a China*, será feita comparações e identificado possíveis implicações com base nos três cenários (pré, a pandemia e o pós-pandemia) sob a ordem da exportação de soja brasileira para a China.

#### **4 DO PRÉ AO PÓS-PANDEMIA DA COVID-19: IMPLICAÇÕES PERANTE A EXPORTAÇÃO DE SOJA DO BRASIL PARA A CHINA**

A Pandemia da Covid-19 desencadeou uma série de consequências nos mais diversos âmbitos da sociedade. Conforme Santos, Silva e Soares (2020) a pandemia provocou implicações que resvalaram não somente para o âmbito da saúde, mas também para a economia e para o meio ambiente. O que foi ainda mais crítico devido as medidas de contenção a partir do isolamento social.

À vista disso, o presente capítulo busca analisar o cenário da exportação de soja do Brasil para a China. Para isso, será abordado três estágios: o pré-pandemia, a pandemia e o pós-pandemia. Sendo que todos compreenderão o cenário citado. Tal esquema tem por objetivo responder à pergunta de pesquisa apresentada na seção introdutória do trabalho, que será debatida na análise dos resultados. Nisso, para a coleta dos dados quantitativos será utilizado as bases presentes no portal Comex Stat do Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços (MDIC).

#### 4.1 O PRÉ-PANDEMIA DA COVID-19: UMA ANÁLISE VOLTADA PARA A EXPORTAÇÃO DE SOJA BRASILEIRA PARA A CHINA

O pré-pandemia marca uma série de ocorrências no que tange às exportações de soja brasileira para a China, contudo, não é de pertinência do trabalho abordar todas as particularidades. Nesse sentido, tais acontecimentos necessitam ser explanados antes de adentrar no panorama da pandemia da Covid-19 per se, pois é importante entender como a pauta exportadora se caracterizava antes da crise para um entendimento mais amplificado desse cenário. Segundo Dall'agnol (2007) a exportação se destaca como a principal rota da soja e seus derivados. Desde a década de 1990 a distribuição a partir dos produtos do complexo da soja no Brasil tem aumentado expressivamente, com ênfase para a exportação de soja em grão, que tem crescido mais que a soja em farelo e também em óleo. Para efeito exemplificativo, entre 1990 a 2005, a taxa média anual de aumento das exportações de soja em grão foi de 14,82%, enquanto a de óleo ficou em 8,60% e a de farelo em 3,16%.

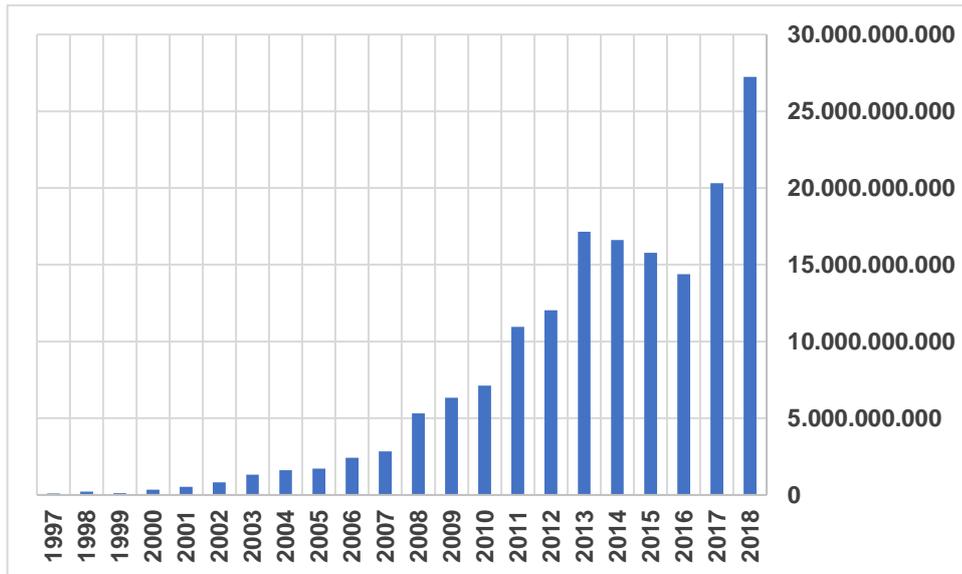
Nesse cenário, a China tem um destaque expressivo. De acordo com Campos e Marques (2020) a soja brasileira é o principal produto exportado para a China. Além disso, o país asiático é o principal motivo pelo qual o Brasil exporta mais soja em grão. Conforme o autor, a ampliação da produção e exportação de soja brasileira tem como principal incentivo fiscal a Lei Kandir (87/1996), que dispensa o pagamento do Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS) de produtos *in natura* por parte

dos exportadores. Conforme Dall'agnol (2007) a Lei Kandir beneficiou as exportações de soja em grãos, que passou a ser vendido pelo Brasil a partir de 1996 para o mercado Chinês, que começava a comprar uma grande quantidade do produto *in natura*. Segundo a Conab (2016) o preço internacional da soja em grãos é estabelecido pela Bolsa de Valores de Chicago ou *Chicago Board Of Trade* (CBOT).

Perante o exposto, vale destacar os estudos de Abrita e Santos (2014?) que elaboraram uma pesquisa comparativa a fim entender os fatores que levam a China a priorizar as exportações de soja em grão, ao invés do farelo e do óleo. Nisso, são analisados dois períodos, o primeiro compreende os anos entre 1986 a 1996 - anterior a publicação da Lei Kandir - já o segundo vai de 1997 a 2011. No primeiro período o Brasil não exportava soja em grãos para a China, mas exportou 31% da soja em óleo e 1% da soja em farelo para o mercado Chinês. Em contrapartida, no segundo período o Brasil exportou um total de 37% de soja em grãos para os chineses, sendo que para óleo e farelo foram 28% e 1% respectivamente. Isso demonstra uma mudança no padrão de exportação da China, ao dar preferência para a soja *in natura*. Conforme os autores, o motivo se detém na adoção de um comportamento estratégico por parte dos chineses, que ao importar soja *in natural* de baixo valor agregado, esta pode ser processada e transformada em óleo e farelo no próprio âmbito nacional, utilizando a tecnologia do país, para agregar valor na economia doméstica.

Como mencionado no capítulo anterior, a partir do final da década de 1990 em diante as trocas comerciais entre Brasil e China passaram por uma etapa de exponencial crescimento, principalmente no que tange as *commodities* agrícolas, como a soja. Consoante a isso, as exportações de soja brasileira para a China obtiveram resultados positivos, de aumentos sucessivos na maior parte dos anos analisados. Tal panorama, pode ser verificado no gráfico 2 abaixo, que compreende o valor (FOB) das exportações de soja do Brasil para a China entre os anos de 1997 a 2018.

Gráfico 2: Exportações de soja do Brasil para a China (1997-2018) – US\$ FOB



Fonte: Comex Stat (2023). Elaboração própria.

Através dos dados obtidos no Comex Stat (2023) o valor (FOB) das exportações de soja brasileira para a China foi de US\$ 89.827.898, em 1997, para US\$ 27.233.070.721, em 2018. Um acréscimo expressivo, proveniente da alta demanda Chinesa pelo produto.

Ainda com base na figura 5, é interessante observar que nem mesmo a crise financeira de 2008<sup>9</sup>, que segundo Pereira et al. (2009) ganhou proporções de crise mundial após a falência do banco de investimentos norte-americano Lehman Brothers, foi capaz de diminuir o valor das exportações de soja brasileira para a China, que na época foi US\$ 2.831.860.767 em 2007 para US\$ 5.324.052.177 em 2008, conforme os dados do Comex Stat (2023). Como fomenta Cardoso, Galante e Schneider (2014) as exportações de soja foram pouco afetadas na época devido ao amplo consumo Chinês e Indiano, somado a baixa produção de soja na Argentina, o que favoreceu a exportação do produto no Brasil.

Outra especificidade a ser pontuada é em relação a queda das exportações de soja para a China no ano de 2016. De acordo com a Conab (2016) a queda se deve a problemas climáticos ocasionados aos estados do Mato Grosso e parte do Tocantins, Maranhão, Bahia e Piauí. O que afetou a produção da safra 2015/2016. Além disso, em 2016 o dólar estava em alta, o que acarretou no encarecimento do

<sup>9</sup> Para entender a crise de 2008 com mais detalhes ver em Pereira et al. (2009).

custo de produção e concomitantemente na renda dos agricultores. Todos esses fatores contribuíram para baixo nível de exportações de 2016.

Por fim, no que concerne ao alto valor das exportações de soja do Brasil para a China em 2018, esta se deve a ocorrência de dois eventos que necessitam de uma análise pormenorizada, o primeiro é a Guerra Comercial entre Estados Unidos e China e o segundo diz respeito a Peste Suína Africana (PSA) que afetou a China entre 2018 e 2019. Ambos os acontecimentos serão analisados à parte em uma seção terciária do próximo subcapítulo que irá tratar das implicações da Pandemia da Covid-19 nas exportações de soja brasileira para a China. O motivo pelo qual tais eventos serão explanados no próximo subcapítulo se justificam pela ordem de ligação direta com os valores e implicações da exportação de soja brasileira durante a Pandemia da Covid-19. Isto é, tiveram impacto direto na venda do produto para o mercado Chinês no cenário em questão.

#### 4.2 A PANDEMIA DA COVID-19 E SUAS IMPLICAÇÕES NA EXPORTAÇÃO DE SOJA DO BRASIL PARA A CHINA

As consequências advindas da Pandemia da Covid-19 foram marcantes para a história mundial. A crise arrefeceu e surpreendeu a população dada a magnitude provocada pela doença. Segundo Barrios (2022) a Organização Mundial da Saúde (OMS) anunciou publicamente no dia 11 de março de 2020 que o mundo estava oficialmente sob o efeito de uma pandemia com particularidades inéditas. Tais circunstâncias foram determinadas porque pela primeira vez na história uma pandemia era desencadeada por um vírus do tipo Sars-COV-2. Apesar de historicamente haver a identificação perante outros mamíferos e aves, os sintomas do Sars-COV-2 não eram comuns em humanos, diferente dos casos de síndrome respiratória aguda severa (Sars-COV), no ano de 2003, ou da síndrome respiratória do Oriente Médio (Mers-COV), em 2012. Outra particularidade se associava ao quadro de potencial contágio da doença pelo mundo, em razão do grau de integração e mobilidade de pessoas de um país para outro.

Como fomenta Pedroso e Poiatti (2023) a Covid-19 refere-se a uma doença que afeta, mormente, o sistema respiratório humano, podendo desencadear uma síndrome respiratória aguda. Dessa forma, o contato físico direto entre as pessoas,

coloca em risco a transmissão do vírus por meio de gotículas despejada por uma pessoa que está infectada, o que torna a principal causa para o contágio.

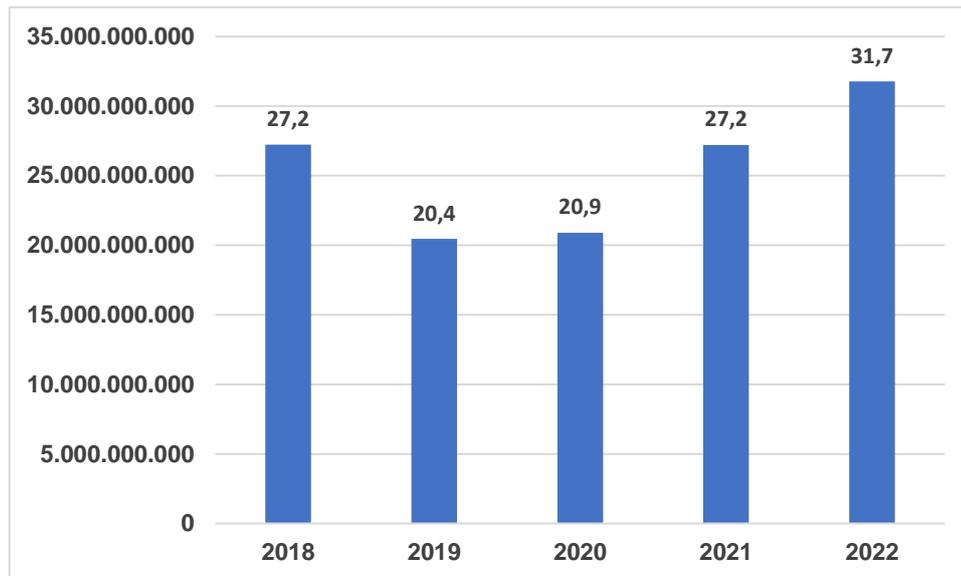
A Pandemia da Covid-19 afetou drasticamente o dinamismo social e consequentemente as relações entre os países, o que a caracteriza como um fator externo aos Estados que os atinge de maneira aguda. Além disso, os custos enfrentados em detrimento das consequências da Covid-19 se traduzem no estado crítico de vidas ceifadas pelo vírus. No Brasil, por exemplo, conforme menciona Barrios (2022) entre o fim de fevereiro de 2020 e o fim de agosto de 2021, houveram mais de 20 milhões de pessoas infectadas sendo que nesse espaço de tempo, 580 mil pessoas faleceram. O que demonstra o panorama preocupante experienciado a partir da propagação do vírus.

Com base nas considerações levantadas, faz-se necessário investigar, para a composição do presente trabalho, como se caracterizou a exportação de soja do Brasil para a China no período da Pandemia da Covid-19, para averiguar se houve ou não consequências que afetaram a pauta exportadora desse produto para o mercado Chinês.

Na análise de Cassol et al. (2020) os efeitos para o Brasil tendem a ser oscilantes e distintos no panorama da Pandemia da Covi-19. Por um viés, no cenário nacional, o desemprego deverá afetar o dinamismo da economia e surtir efeito perante o poder de compra da população, pressionando os preços e concomitantemente a inflação. Por outro ângulo, no setor externo, as exportações de alimentos, em principal, provenientes do agronegócio, tendem a aumentar de forma exclusiva, com enfoque para os grãos, carnes e seus derivados. Em contrapartida, para a China, há uma análise de dependência crescente nas atividades de importação no ano de 2020, tendo em vista que no período foram compradas 72,6% da soja brasileira.

No período entre 2018 e 2019 – início da pandemia no mundo – houve uma queda no valor das exportações de soja do Brasil para a China conforme dados coletados no Comex Stat (2023) apresentados no gráfico 3 abaixo.

Gráfico 3: Exportações de soja do Brasil para a China (2018-2022) - US\$ FOB



Fonte: Comex Stat (2023). Elaboração própria.

Conforme a análise fomentada pelo Good Growth Partnership (2020) os embarques mundiais de soja ganham destaque no segundo trimestre do ano, onde foram exportadas cerca de 40% do produto. Em 2020 a pandemia da Covid-19 estava afetando largamente os países no período em que a soja é mais exportada mundialmente. No caso do Brasil, os embarques de soja foram atrasados no mês de março e abril de 2020, por conta de uma combinação de fatores que se explicavam pelas fortes chuvas e redução dos trabalhadores a partir do isolamento social. À vista disso, a China deu início ao armazenamento dos grãos, muito porque houve a desvalorização de 34% do real brasileiro, o que a levou a comprar mais soja do Brasil. O resultado apresentou uma melhora nas vendas em comparação com 2019.

Por conseguinte, como observado no gráfico 3 acima, a partir de 2021, mesmo com o mundo ainda sendo afetado pela pandemia da Covid-19, as exportações de soja para a China atingiram um valor maior em comparação com 2019 e 2020, o que evidencia a ampla demanda chinesa pelo produto, levando em consideração também o resultado obtido em 2022 onde foram exportadas um valor total de US\$ 31.782.504.656 bilhões (FOB) de soja para o mercado chinês.

No que concerne à queda das exportações entre 2018 e 2019, é importante analisar não somente o cenário da Pandemia da Covid-19, tendo em vista que houveram outros fatores que contribuíram para tal resultado. Na seção terciária abaixo será explanado sobre a guerra comercial entre Estados Unidos e China e também

sobre a Peste Suína Africana que atingiu a China a partir de 2018, evidenciando o aporte que tais eventos tiveram para a queda no período mencionado.

#### 4.2.1 O impacto da Peste Suína Africana e da Guerra Comercial entre Estados Unidos e China na exportação de soja brasileira

A guerra comercial entre Estados Unidos e China afetou diretamente a dinâmica concernente às exportações de soja. Segundo Faria (2022) no início de 2018, após a decisão de sobretaxa de 25% na soja americana, os Estados Unidos sofreram uma queda de 50% nas exportações de soja para a China. O que beneficiou largamente os países que produzem essa *commodity* em larga escala, como o Brasil. Conforme menciona Umbelino (2021) as sobretaxas sobre a soja americana diminuiriam consideravelmente a competitividade com a soja brasileira. Assim, perante tais circunstâncias, Faria (2022) fomenta que 75% das importações Chinesas eram provenientes do Brasil. O resultado desse redirecionamento impactou positivamente o valor das exportações de soja brasileira para o país asiático no ano de 2018.

Em contrapartida, de acordo com Aidar et al. (2020) caso houvesse um acordo conciliatório entre Estados Unidos e China, isso produziria um impacto negativo nas atividades de exportação da soja brasileira. Por conseguinte, Faria (2022) explana que em janeiro de 2020, o ex-presidente dos EUA Donald Trump e o ex-vice-primeiro-ministro da China Liu He, assinaram a primeira fase do acordo comercial, onde a China se comprometia a importar mais de US\$ 200 bilhões em produtos estadunidenses ao decorrer de dois anos, com o intuito de reduzir o déficit comercial bilateral com os Estados Unidos que atingiu o valor de US\$ 420 bilhões em 2018. Nisso, caso o acordo entre os dois países prevaleça, é possível haver a elaboração e reunião para um segundo acordo. Ainda conforme a autora, a tarifa sobre a soja será mantida até a formalização da segunda fase do acordo.

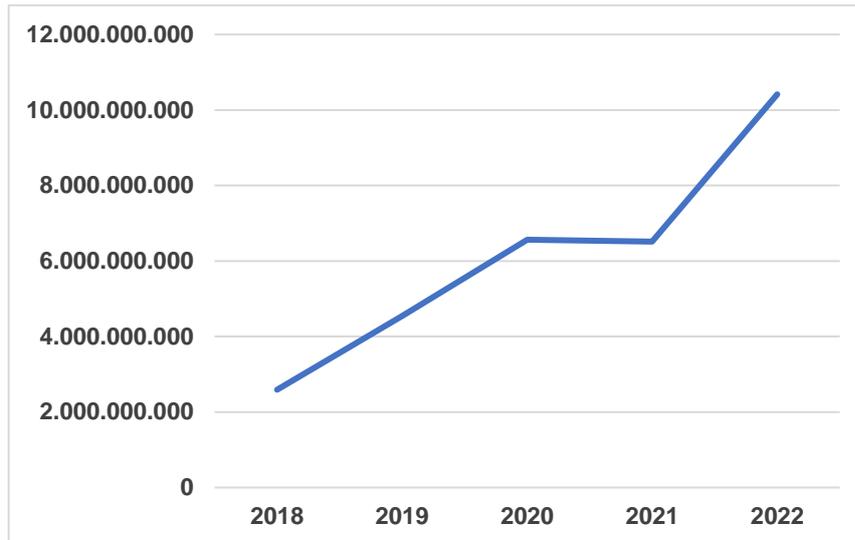
À vista disso, Aidar et al. (2020) explana que com a formalização da primeira fase do acordo comercial entre EUA e China a soja brasileira pode perder preferência para a soja norte-americana, o que afetará as exportações. Ainda em 2020, tanto o acordo quanto os embarques norte-americanos de soja, foram um impeditivo para que o Brasil finalizasse o ano com um resultado mais positivo nas exportações da oleaginosa para a China. Nesse sentido, o mercado da soja no Brasil tem como

objetivo principal a manutenção da cadeia produtiva com vista a garantir a qualidade e a sustentabilidade do produto para evitar barreiras de qualquer mercado importador.

Outro caso paralelo aos efeitos da Pandemia da Covi-19 para exportação de soja do Brasil para a China foi a ocorrência da Peste Suína Africana (PSA) no país asiático em 2018. De acordo com a USDA (2022), a PSA é uma doença viral perigosa que afeta os suínos domésticos e selvagens a partir do contágio, mas que não apresenta riscos para a saúde humana uma vez que não é transmissível para humanos através dos suínos. Segundo Sun, Qiu e Wang (2018) em agosto de 2018, a China notificou o primeiro surto de PSA na cidade de Shenyang. Em outubro já havia sido identificado 33 casos de PSA em oito províncias chinesas. Por conseguinte, na análise de Bragagnolo (2020) a doença levou a morte de um terço (em torno de 100 milhões) da população suína na China em 2019, em um país onde a principal proteína provém da carne suína. Apesar da doença não ser contagiosa para humanos, esta pode desencadear um quadro de intoxicação alimentar através do consumo da carne. Nesse sentido, os animais infectados precisam ser abatidos para evitar a propagação do vírus para outros suínos. Para Aidar et al. (2020), perante a escassez dos suínos, a demanda pela soja brasileira sofre uma queda, uma vez que a soja servia de fonte proteica no arração desses animais. O que afetou as exportações de soja brasileira para a China em 2019 como pode ser observado no gráfico 3.

Em contrapartida, conforme Bragagnolo (2020) a China passa a demandar largamente a carne de outros países para suprir a escassez dos suínos propiciada pela PSA. Nisso, o Brasil passa a exportar uma maior quantidade de carne para a China a partir de 2018, como pode ser observado no gráfico 4 abaixo.

Gráfico 4: Exportações de carne do Brasil para a China (2018-2022) - US\$ FOB



Fonte: Comex Stat (2023). Elaboração própria.

Segundo os dados do Comex Stat (2023) em 2018 o valor das carnes exportadas para a China foi de US\$ 2.591.557.170 bilhões (FOB), já em 2019 esse valor atingiu US\$ 4.543.226.009 bilhões (FOB), ou seja, um aumento expressivo em decorrência da alta demanda chinesa que continuou gradativo com o passar dos anos.

Nisso, após o controle dos suínos e recuperação chinesa da carne, a demanda pela soja brasileira começou a aumentar a partir de 2021, como pode ser analisado no gráfico 3, onde as exportações aumentam em relação a 2020.

#### 4.3 O PÓS-PANDEMIA DA COVID-19 E SEUS DESDOBRAMENTOS PARA A EXPORTAÇÃO DE SOJA DO BRASIL PARA A CHINA

De acordo com o World Health Organization (2023) até o dia 21 de setembro de 2023 houve um total de 770.778.396 casos de pessoas que foram contaminadas pelo vírus da Covid-19, desse total, 6.958.499 vieram a óbito. No Brasil - que foi um dos países mais afetados mundialmente pela Pandemia da Covid-19<sup>10</sup> - houve, até o dia 19 de setembro de 2023, conforme o Ministério da Saúde (2023) 37.778.122 casos confirmados no país, sendo que 705.645 vieram a óbito. A partir desses números é possível mensurar o quão letal, perigoso e preocupante foi a propagação do vírus da Covid-19 para a humanidade.

Por conseguinte, com os avanços das pesquisas científicas para o desenvolvimento e aplicação das vacinas contra a Covid-19 – mesmo que de forma

<sup>10</sup> Ver em Cunha et al. (2020)

desigual, como já explanado anteriormente - houve uma diminuição dos casos de morte no mundo, até que no dia 5 de maio de 2023 segundo o Opas (2023), a Organização Mundial da Saúde por meio do pronunciamento do diretor-geral da OMS, Tedros Adhanom Ghebreyesus, anunciou que a Covid-19 não apresentava mais um risco de emergência para a saúde pública internacional. Apesar de que a contaminação ainda exista e seja pauta para reforço de controle por parte dos agentes de saúde e pesquisadores da área.

Consoante o exposto, é importante analisar o cenário pós-pandemia para a exportação de soja do Brasil para a China, que apesar do panorama desencadeado pela Pandemia da Covid-19, de graves consequências não só para a economia, mas também para a saúde da população em escala mundial, não houve quedas no valor das exportações de soja brasileira para o mercado chinês em 2023, que já apresentava crescimento desde 2021 se comparado com 2019 e 2020. Conforme dados analisados no Comex Stat (2023), de janeiro a setembro de 2023 foram exportados um valor de US\$ 45,5 bilhões (FOB) de soja do Brasil para outros países do mundo. Desse total, US\$ 32,2 bilhões (FOB) são somente para a China, o que demonstra a alta demanda chinesa pelo produto, uma vez que o país asiático tem uma participação de 70,7% nas exportações da soja brasileira.

No que concerne às estimativas, a Conab (2023) analisa que a exportação de soja no Brasil apresenta um panorama de lucratividade, levando em consideração que no acumulado de janeiro a agosto de 2022 o Brasil havia exportado um valor de US\$ 39,2 bilhões (FOB) de soja. Um valor menor se comparado o mesmo período com o de 2023. Além disso, a China continua sendo estimada como a principal importadora de soja brasileira para o ano de 2023, com uma previsão de participação de 74% nas exportações totais do produto. Além disso, a utilização da soja brasileira para produção de biocombustíveis deve continuar em crescimento em consonância com a demanda importadora mundial.

Por meio do que foi explanado, é possível observar a alta demanda chinesa pela soja brasileira, que apesar dos problemas desencadeados pelo que fora discutido no subcapítulo anterior, continua a gerar resultados de crescimento para a atividade em análise.

#### 4.4 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Com base na pesquisa elaborada, a partir dos conceitos e abordagens teóricas presentes em Keohane e Nye (2012), evidencia-se a natureza de interdependência assimétrica nas relações comerciais entre o Brasil e a China. Nisso, foi identificado os benefícios propiciados a partir dessa relação bilateral comercial entre os dois países, mesmo que assimétricos, uma vez que o Brasil exporta produtos de baixo valor agregado para a China, como é o caso das *commodities* agrícolas e depende em grande medida da demanda chinesa para a compra desses produtos.

Por meio do método hipotético dedutivo de Popper (1972), houve a análise dos dados quantitativos. Onde, primeiramente, no capítulo 3 foi utilizado informações do *United States Department of Agriculture* (USDA) e da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) para analisar a produção e exportação de soja no Brasil e importação de soja na China. Por conseguinte, houve a análise dos dados mediante o portal Comex Stat (2023) com a finalidade de examinar as exportações de soja do Brasil para a China no período atinente ao pré-pandemia, a pandemia e o pós-pandemia da Covid-19. Juntamente com as previsões para a soja no Brasil no ano de 2023 a partir da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab). Nisso, cada dado quantitativo proposto foi complementado com ao estudo com aporte na pesquisa qualitativa descritiva.

Perante o exposto, para o caso da soja, foi evidenciado que a China é a maior importadora da oleaginosa no mundo, como apresentado no gráfico 1, e o Brasil é o maior produtor e exportador. Por conseguinte, vale salientar que uma expressiva quantidade do que é produzido e exportado de soja no Brasil tem como destino a China. Onde, Estados brasileiros como o Mato Grosso, Paraná, Rio Grande do Sul e Goiás, concentram em grande medida as atividades produtivas da soja com destino – além do consumo interno – para essas exportações. Por conseguinte, levando em consideração o panorama de interdependência assimétrica, caso ocorresse algum rompimento entre os dois países no setor da soja, o Brasil sofreria uma perda significativa em suas vendas, uma vez que a China ocupa mais de 70% na compra da soja. Já a China teria outros mercados ao qual recorrer, como é o caso dos Estados Unidos e da Argentina. Porém, as relações entre Brasil e China seguem uma conjuntura estável e prolífica, isso pode ser evidenciado a partir da proeminente

posição que a China obteve em 2009 como a principal parceira comercial do Brasil, e assim se mantém até então.

Para o caso concernente a Pandemia da Covid-19 e as exportações de soja do Brasil para a China, objetivou-se explicar primeiramente o cenário do pré-pandemia da Covid-19, como forma de abordá-lo de uma maneira amplificada. Nesse sentido, foi possível identificar a preferência do mercado chinês pela exportação de soja em grãos pelo Brasil, uma vez que a soja *in natura* é processada e convertida em farelo ou óleo a partir da tecnologia chinesa, e destinada tanto para arraçamento ou consumo interno por parte da população. Além disso, foi identificado o crescimento das exportações de soja brasileira para a China no período de crise financeira entre 2007 e 2008, como resultado da ampla demanda chinesa e indiana pela oleaginosa na época, juntamente com a baixa produção argentina no biênio. Em contrapartida, foi analisado a queda no valor das exportações de soja em 2016, que foi provocado pela alta do dólar na época somado a problemas climáticos nos Estados onde se produz a soja no Brasil, o que prejudicou o desempenho das exportações.

Em sequência, foi analisado o panorama da exportação de soja brasileira para a China concernente a Pandemia da Covid-19. Destarte, como averiguado nos dados, houve uma queda no valor das exportações da oleaginosa para a China entre 2019 e 2020 se comparado com o ano de 2018, o que foi resultado, em certa medida, dos critérios de contenção a partir do isolamento social que afetou os trabalhadores e também dos fatores climáticos no Brasil, que atrasaram as exportações. Mas ainda em 2020 a China passou a demandar uma maior quantidade de soja porque o real brasileiro estava desvalorizado. Além disso, ao ser feito uma análise mais amplificada do cenário internacional, foi possível identificar duas ocorrências que assim como a Pandemia da Covid-19, contribuíram para a queda das exportações de soja brasileira nesse período, tais acontecimentos se devem a Guerra Comercial entre China e Estados Unidos e a Peste Suína Africana que dizimou uma grande quantidade de suínos na China. Por conseguinte, ambas ocorrências surgiram em 2018, período da pré-pandemia, mas tiveram efeito direto na queda das exportações de soja brasileira para a China no período da Pandemia.

A partir dos trabalhos de Aidar et al. (2020) e Faria (2022) a Guerra comercial entre a China e os Estados Unidos ainda não foi concluída, em um primeiro momento houve benefícios para a exportação da soja brasileira ao mercado chinês, uma vez que a soja norte-americana passou a ter uma sobretaxa de 25%, o que reduziu a

importação da China pelo produto. Nisso, houve um aumento expressivo no valor das exportações da soja no Brasil em 2018, que foi resultado da alta demanda chinesa propiciada pela sobretaxa estadunidense concomitante ao redirecionamento da compra para a oleaginosa brasileira. Em contrapartida, com a formalização da fase 1 do acordo entre a China e os Estados Unidos em 2020, houve uma redução no valor das exportações de soja no Brasil, que já estava em queda desde 2019. Como ainda não houve acordo firmado para a fase 2 – que incluiria a redução da sobretaxa da soja norte-americana – não é possível afirmar os desdobramentos para as exportações de soja no Brasil.

Em concomitância, outro caso que contribuiu para a redução das exportações da soja brasileira para o mercado chinês no período entre 2019 e 2020 foi o aparecimento da Peste Suína Africana (PSA) na China, em 2018, que culminou na morte e abate de mais de 100 milhões de suínos no país. Essa ocorrência teve como resultado a queda da demanda chinesa pela soja brasileira uma vez que o produto exportado é utilizado para a produção de rações para esses animais. Tal circunstância contribuiu para a queda no valor das exportações no biênio mencionado. Entretanto, foi identificado que o Brasil passou a exportar mais carnes para a China logo após o aparecimento da PSA. Nisso, o Brasil não só supria a demanda chinesa em detrimento da perda dos suínos, como continuava a manter uma estável relação comercial com o parceiro asiático. Isso garantia para o Brasil a continuidade das vendas da soja assim que a problemática viesse a superada. À vista disso, a partir de 2021 o valor das exportações de soja para a China começou a apresentar um aumento comparável ao ano de 2018, como resultado da alta demanda retomada pelo mercado chinês.

Desta maneira, foi identificado que as exportações de soja brasileira para a China continuam em alta no ano de 2023, com um valor de 32,2 bilhões (FOB) nos meses de janeiro a setembro, um valor que já supera o total acumulado em 2021 e 2022. Além disso, as estimativas para o fechamento em 2023 são de lucratividade para o cenário exportador da soja brasileira. Em virtude dessa conjuntura, é preciso levar em consideração o panorama favorável, de diminuição dos casos de Covid-19, dos desdobramentos para a formalização da fase 2 do acordo comercial entre os Estados Unidos e a China e da recuperação chinesa mediante a contaminação dos suínos pela PSA.

Perante o exposto, constata-se que a hipótese está parcialmente correta, pois em certa medida a Pandemia da Covid-19 fragilizou e desencadeou a queda das

exportações de soja para a China, mas é importante destacar que não foi somente a Pandemia da Covid-19 que acarretou essa queda, uma vez que a Guerra Comercial entre a China e os Estados Unidos juntamente com o aparecimento da Peste Suína Africana na China, também contribuíram para a diminuição dessas exportações. Ademais, a Pandemia da Covid-19 per se não afetou suficientemente a queda no valor das exportações de soja mercado chinês após a atenuação das duas ocorrências descritas, um exemplo disso é o ano de 2021, ainda marcado pelo cenário de crise da Covid-19, mas que foi positivo para a atividade exportadora de soja brasileira, com um aumento expressivo em comparação com 2020. Isso se deve a alta demanda chinesa pelo produto, especialmente pela soja em grãos. Destarte, tais desdobramentos não culminaram em queda para as exportações da oleaginosa no pós-pandemia em 2023, que avança de maneira crescente. Portanto, os efeitos no pós-pandemia são favoráveis e profícuos para a atividade exportadora da soja brasileira para a China.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Mediante a composição do presente trabalho, foi elaborado a análise acerca da exportação de soja do Brasil para a China, onde foram evidenciadas as implicações para os três estágios propostos perante a investigação, isto é, a pré-pandemia, a pandemia e o pós-pandemia da Covid-19. Pelo qual foram encontradas diferentes posições para a atividade exportadora da soja, a depender do estágio e contexto analisado. Isso demonstra o cenário oscilante perante o setor da oleaginosa, desencadeado por influências externas e internas.

Com base na estratégia de pesquisa desenvolvida, foi possível identificar o cenário lucrativo através das exportações de soja brasileira para o mercado chinês no pós-pandemia, com projeções de alta para o fechamento do ano de 2023 em comparação com o ano anterior. Além disso, foi importante identificar um cenário mais amplificado para entender que a pandemia da Covid-19 não foi um caso isolado de influência no desempenho das exportações de soja para a China, mas que dependeu de um conjunto de fatores que vão desde o cenário geopolítico até as interferências climáticas.

Em virtude do panorama oscilatório da exportação de soja no Brasil, recomenda-se a continuação investigatória de outros trabalhos perante seu desempenho, levando em consideração não somente a importância desse produto para a economia nacional - e para a relação comercial com a China - mas também pelos múltiplos acontecimentos na conjuntura internacional, uma vez que diferentes fatores podem desencadear tanto a queda quanto o crescimento da soja.

## REFERÊNCIAS

ABRITA, Mateus Boldrine; SANTOS, Allan Silveira. **Complexo da soja no Brasil, consequências da lei Kandir e da parceria com a China**. [2014?]. Disponível em: <https://arquivofee.rs.gov.br/wp-content/uploads/2014/05/201405277eeg-mesa15-complexosojabrasilleikandir.pdf>. Acesso em: 17 set. 2023.

AIDAR, Antônio Carlos Kfourri et al. Balanço da exportação de milho e soja. **AgroANALYSIS**. Fundação Getulio Vargas, v. 40, n. 2, 2020. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/agroanalysis/issue/view/4815/2625>. Acesso em: 19 set. 2023.

AMARAL, Hudson Fernandes et al. De Smith a Porter: um ensaio sobre as Teorias de Comércio Exterior. **Revista de Gestão USP**, São Paulo, v.12, n.4, pp.101-113, 2005. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rege/article/download/36536/39257/43073>. Acesso em: 25 set. 2023.

ANDRADE, Israel de Oliveira; LEITE, Alixandro Werneck; NARETTO, Nilton de Almeida. A dinâmica das relações comerciais econômicas entre Brasil e China: uma análise do período (200-2015). *In: Boletim de Economia e Política Internacional* - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA). Diretoria de Estudos e Relações Econômicas e Políticas Internacionais, n. 21, set./dez. 2015. Disponível em: <https://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/6471>. Acesso em: 07 set. 2023.

BARBIERI, Katherine. **Economic Interdependence: A Path to Peace or a Source of Interstate Conflict?**. *Journal of Peace Research*, v. 33, n,1, pp. 29-49, 1996.

BARBOSA, Ravilla de Castro; GAIA, Camila Teixeira; PINTO, Victor Henrique Lana. Exportações de soja e medidas sps: estudos da competitividade Brasil e Estados Unidos no mercado Chinês. **Revista de Economia e Agronegócio (REA)**, v. 19, n. 1, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufv.br/rea/article/view/9907>. Acesso em: 09 set. 2023.

BARRIOS, José Alejandro et al. Impactos da pandemia de covid-19 na cooperação internacional brasileira. *In: BAUMANN, Renato (Coordenador). Cooperação Internacional em tempo de Pandemia: relatório COBRADI 2019-2020*. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea). Brasília, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/10920>. Acesso em: 18 set. 2023.

BASRUR, Rajesh; KLIEM, Frederick. **Covid-19 and international cooperation: IR paradigms at odds**. *SN Social Sciences*, n. 1, v. 7, 2021. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC7649056/>. Acesso em: 28 ago. 2023.

BATISTA, Henrique Rogê; MACHADO, Érica Priscilla Carvalho de Lima; SILVA, Ariana Cericatto. **A importância da Soja para o Agronegócio Brasileiro: Uma análise sob o Enfoque da Produção, Emprego e Exportação**, *In: V Encontro de Economia Catarinense*, Florianópolis, 2011. Disponível em: [A\\_IMPORTANCIA\\_DA\\_SOJA\\_PARA\\_O\\_AGRONEGOCIO\\_BRASILEIRO \(apec.pro.br\)](https://www.apec.pro.br/A_IMPORTANCIA_DA_SOJA_PARA_O_AGRONEGOCIO_BRASILEIRO). Acesso em: 26 ago. 2023.

BECARD, Danielly Silva Ramos. O que esperar das relações Brasil-China?. **Revista de Sociologia e Política**, v. 19, n. 1, Pp. 31-44, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rsocp/a/VbVcz7ZFJThg9r4DkSTTjnF/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 07 set. 2023.

BENESSAIEH, Alef; DAVID, Charles-Philippe. La paix par l'intégration? Théories sur l'interdépendance et les nouveaux problèmes de sécurité. **Études internationales**, vol. 28, nº 2, p.227-254, 1997. Disponível em: <https://www.erudit.org/fr/revues/ei/1997-v28-n2-ei3069/703736ar/>. Acesso em: 16 ago. 2023.

BEZERRA SAMPAIO, L. M.; SAMPAIO, Y.; BERTRAND, J. P. **Fatores determinantes da competitividade dos principais países exportadores do complexo de soja no mercado internacional**. Organizações Rurais & Agroindustriais, Lavras, v. 14, n.2, Pp. 227-242, 2012. Disponível em: <http://repositorio.ufla.br/handle/1/8866>. Acesso em: 26 ago. 2023.

BISPO, Scarlett Queen Almeida. China: importação dos principais subsetores do agronegócio e o *market share* brasileiro. **Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea)**. Diretoria de Estudos e Relações Econômicas e Políticas Internacionais, n. 26, 2021. Disponível em: [https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/10431/1/NT\\_26\\_Dinte\\_China\\_ImportacaoPrincipaisAgronegocioMarket\\_ShareBrasileiro.pdf](https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/10431/1/NT_26_Dinte_China_ImportacaoPrincipaisAgronegocioMarket_ShareBrasileiro.pdf). Acesso em: 09 set. 2023.

BRAGAGNOLO, Giovanna Pinheiro. **Pecuária bovina no Brasil e disfuncionalidades do mercado financeiro**: um estudo sobre os impactos no valor de mercado dos frigoríficos brasileiros de capital aberto decorrente do aumento da demanda chinesa em virtude da Peste Suína Africana. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Agronegócio). Escola de Economia de São Paulo. Fundação Getulio Vargas (FGV). São Paulo, 2020. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/30009/Disserta%c3%a7%c3%a3o%20Giovanna%20Bragagnolo%202.pdf?sequence=3&isAllowed=y>. Acesso em: 18 set. 2023.

BRASIL. Brasil exporta US\$ 14,8 bilhões em produtos do agronegócio em agosto. **Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento**. Comércio exterior, 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/pt-br/noticias/agricultura-e-pecuaria/2022/09/brasil-exporta-us-14-8-bilhoes-em-produtos-do-agronegocio-em-agosto#:~:text=A%20China%20%C3%A9%20a%20principal,%2C%20Jap%C3%A3o%2C%20Tail%C3%A2ndia%20e%20Turquia>. Acesso em: 13 set. 2023.

BRASIL. Como Exportar China. **Ministério das Relações Exteriores**. Coordenação-Geral de Promoção Comercial. Estudos e documentos de Comércio Exterior, 2018. Disponível em: <https://www.gov.br/empresas-e-negocios/pt-br/invest-export-brasil/exportar/conheca-os-mercados/como-exportar-privado/como-exportar.pdf/BaseguiaCOMOEXPORTARCHINA.pdf>. Acesso em: 10 set. 2023.

BRITO, Daniel; LEÃO, Airton Pereira da Silva; SILVA, Gabriel Novais da. **Estratégias de logística para o setor exportador de soja no Brasil**. RECIMA21 - Revista Científica Multidisciplinar, v. 4, n.7, 2023. Disponível em: [ESTRATÉGIAS DE](#)

[LOGÍSTICAS PARA O SETOR EXPORTADOR DE SOJA NO BRASIL | RECIMA21 - Revista Científica Multidisciplinar - ISSN 2675-6218](#). Acesso em: 03 set. 2023.

BUDZIAK, Jean; FERREIRA, Wallas. **Perspectivas das exportações de milho brasileiro para a China em 2023**. Associação Nacional dos Exportadores de Cereais (ANEC), 2023. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/agroanalysis/article/view/89463/83971>. Acesso em: 03 set. 2023.

BUSS, Paulo Marchiori; SOUZA, Luis Eugenio Portela Fernandes de. **Desafios globais para o acesso equitativo à vacinação contra a COVID-19**. Cad. Saúde Pública (Online), v. 37, n. 9, 2021. Disponível em: [Desafios globais para o acesso equitativo à vacinação contra a COVID-19 | Cad. Saúde Pública \(Online\);37\(9\): e00056521, 2021. | LILACS \(bvsalud.org\)](https://doi.org/10.1590/0102-3114/000056521). Acesso em: 30 ago. 2023.

CADEMARTOR, Luiz Henrique Urquhart; SANTOS, Priscilla Camargo. **A Interdependência Complexa e a Questão dos Direitos Humanos no contexto das Relações Internacionais**. Revista Brasileira de Direito, 12(2): 71-81, jul.-dez. 2016. Disponível em: <https://seer.atitus.edu.br/index.php/revistadedireito/article/view/1584>. Acesso em: 15 ago. 2023.

CAMPOS, Reinaldo; MARQUES, Tomás Costa de Azevedo. **Uma análise do comércio bilateral Brasil-China: a deterioração dos termos de troca e o caso da soja**. Revista Tempo do Mundo, n. 24, dez. 2020. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/revistas/index.php/rtm/article/view/265>. Acesso em: 07 set. 2023.

CARDOSO, Bárbara Françoise; GALANTE, Valdir Antonio. SCHNEIDER, Mirian Beatriz. Barreiras comerciais no comércio internacional: o caso da soja no Brasil. *In: XI Encontro de Economia Paranaense (ECOPAR)*, 2014, Apucarana. Anais. Apucarana: UNESPAR, 2014.

CASSOL, Abel et al. Os efeitos da pandemia da Covid-19 sobre o agronegócio e a alimentação. **Estudos Avançados**, v. 34, n. 100, pp. 167-188, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/kQdC7V3Fxm8WXzvmY5rR3SP>. Acesso em: 19 set. 2023.

CHIN, Chung Man et al. **História e Epidemiologia da COVID-19**. ULAKES Journal of Medicine. São Paulo, p. 11-22, 2020. Disponível em: <https://revistas.unilago.edu.br/index.php/ulakes/article/view/253/232>. Acesso em: 27 de maio de 2023.

COMEXSTAT. Brasil: Informações gerais. Comex Vis. **Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços**. 2023. Disponível em: <http://comexstat.mdic.gov.br/pt/comex-vis>. Acesso em: 12 set. 2023.

COMEXSTAT. Exportações e Importações Geral. **Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços (MDIC)**. 2023. Disponível em: <http://comexstat.mdic.gov.br/pt/home>. Acesso em: 22 set. 2023.

CONAB. Perspectivas para a Agropecuária - Safra 2016/2017. **Companhia Nacional de Abastecimento** (CONAB). Brasília, v. 4, pp. 1-129, 2016. Disponível em: <https://www.conab.gov.br/perspectivas-para-a-agropecuaria>. Acesso em: 22 set. 2023.

CONAB. Perspectivas para a Agropecuária - Safra 2023/2024. **Companhia Nacional de Abastecimento** (CONAB). Brasília, v. 11, pp. 1-136, 2023. Disponível em: <https://www.conab.gov.br/perspectivas-para-a-agropecuaria>. Acesso em: 28 set. 2023.

CUNHA, Geraldo Marcelo da et al. **Excesso de mortes durante a pandemia de COVID-19: subnotificação e desigualdades regionais no Brasil**. Cadernos de Saúde Pública, v. 36, n. 1, 2020. Disponível em: <https://scielosp.org/article/csp/2021.v37n1/e00259120/>. Acesso em: 29 set. 2023.

CUNHA, Roberto César Costa; ESPÍNDOLA, Carlos José. **A dinâmica geoeconômica recente da cadeia produtiva da soja no Brasil e no mundo**. GeoTextos, v. 11, n.1, pp. 2017-238, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/geotextos/article/view/12692/9733>. Acesso em: 13 set. 2023.

DALL'AGNOL, Amélio et al. **O complexo Agroindustrial da Soja Brasileira**. Londrina: Embrapa, 2007. Disponível em: <https://www.infoteca.cnptia.embrapa.br/handle/doc/470318>. Acesso em: 16 set. 2023.

DE MARIA, Marcello et al. **Global Soybean Trade: the geopolitics of a bean**. UK Research and Innovation Global Challenges Research Fund. 2020. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/344634087\\_Global\\_Soybean\\_Trade\\_-\\_The\\_Geopolitics\\_of\\_a\\_Bean](https://www.researchgate.net/publication/344634087_Global_Soybean_Trade_-_The_Geopolitics_of_a_Bean). Acesso em: 15 set. 2023.

EMBRAPA - Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária. **Tecnologias de Produção de Soja** - Região Central do Brasil 2004. Londrina: Embrapa Soja; Embrapa Agropecuária Oeste; Embrapa Cerrados; EPAMIG; Fundação Triângulo, ed. 1, 2003. Disponível em: <https://www.embrapa.br/busca-de-publicacoes/-/publicacao/451526/tecnologias-de-producao-de-soja---regiao-central-do-brasil-2004>. Acesso em: 08 set. 2023.

ESTRE, Felipe Bernardo. **Poder, Interdependência e Desigualdade**. Dissertação de Mestrado - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Instituto de Relações Internacionais, 2011. Disponível em: <https://www.funag.gov.br/ipri/btd/index.php/10-dissertacoes/2477-poder-interdependencia-e-desigualdade>. Acesso em: 23 ago. 2023.

FARIA, Manuela de Souza Silva. **Guerra comercial entre Estados Unidos e China e seus impactos: o caso da soja brasileira**. Monografia (Bacharel em Economia). Instituto de Ensino e Pesquisa (Insper). São Paulo, 2022. Disponível em: <https://repositorio.insper.edu.br/handle/11224/5662>. Acesso em: 20 set. 2023.

FERREIRA, Talita Quaresma. **O boom das commodities dos anos 2000: uma análise do impacto das commodities nas taxas de investimento direto externo no**

Brasil. Monografia (bacharelado em economia). Instituto de Economia. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: <https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/11948/1/TQFerreira.pdf>. Acesso em: 11 set. 2023.

GILIO, Leandro et al. **Impactos da Covid-19 no agronegócio e o papel do Brasil**. IUPER - Centro de Agronegócio Global, n. 2, jun. 2020. Disponível em: <https://www.iuper.edu.br/wp-content/uploads/2020/06/impactos-da-covid-19-no-agronegocio-e-o-papel-do-brasil-vf-a.pdf>. Acesso em: 04 set. 2023.

GOMIDE, Flávia Maciel. **Comércio Brasil-China: uma Relação de Interdependência**. Dissertação de Mestrado (Mestre em Ciências). Instituto de Relações Internacionais. Universidade de São Paulo (USP). São Paulo, 2017. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/101/101131/tde-08092017-154838/pt-br.php>. Acesso em: 23 set. 2023.

GOOD GROWTH PARTNERSHIP. **COVID-19 and Soy in Brazil**. 2020. Disponível em: <https://www.undp.org/sites/g/files/zskgke326/files/migration/gcp/COVID-19-Brazil-19102020.pdf>. Acesso em: 18 set. 2023.

GUARALDO, Maria Clara. Brasil é o quarto maior produtor de grãos e o maior exportador de carne bovina do mundo. **Embrapa**, 2021. Disponível em: <https://www.embrapa.br/busca-de-noticias/-/noticia/62619259/brasil-e-o-quarto-maior-produtor-de-graos-e-o-maior-exportador-de-carne-bovina-do-mundo-diz-estudo#:~:text=esclarece%20Adalberto%20Arag%C3%A3o.-,Brasil%20lidera%20produ%C3%A7%C3%A3o%20e%20exporta%C3%A7%C3%A3o%20de%20soja,do%20com%C3%A9rcio%20mundial%20de%20soja>. Acesso em: 13 set. 2023.

HERFINDAHL, O. C. **Cooper Costs and Prices: 1870-1957**. Baltimore: The John Hopkins Press, 1959.

HIRAKURI, Marcelo Hiroshi; LAZZAROTTO, Joelsio José. **O agronegócio da soja nos contextos mundial e brasileiro**. Embrapa Soja-Documentos (INFOTECA-E), 2014. Disponível em: [O-agronegocio-da-soja-nos-contextos-mundial-e-brasileiro.pdf \(embrapa.br\)](https://www.embrapa.br/O-agronegocio-da-soja-nos-contextos-mundial-e-brasileiro.pdf). Acesso em: 26 ago. 2023.

HIRSCHMAN, A. O. **National Power and the Structure of Foreign Trade**. Berkeley, CA: University of California Press, 1945.

JAGUARIBE, Anna. Covid-19: Antes e Depois. In: LEITE, Julia Dias; MUNIZ, Luciana Gama (Coordenadoras). **Política Internacional: Reorientações do Multilateralismo**. 1. ed., Rio de Janeiro: Centro Brasileiro de Relações Internacionais (Cebri), 2021. Disponível em: [CEBRI | Política Internacional: Reorientações do Multilateralismo](https://www.cebri.org.br/cebri-politica-internacional-reorientacoes-do-multilateralismo). Acesso em: 28 ago. 2023.

KEOHANE, Robert; NYE, Joseph. Globalization: What's New? What's Not? (And So What?). In: **The global transformation reader: an introduction to the globalization debate**. HELD, David; MCGREW, Anthony (compiladores). Cambridge: UR, 2003.

KEOHANE, Robert; Nye, Joseph. **Power and Interdependence**. 4th ed. New York: Longman, 2012.

KROLL, John A. The complexity of Interdependence. **International Studies Quarterly**, v. 37, n. 3, Pp. 321-347, 1993. Disponível em: <https://academic.oup.com/isq/article/37/3/321/1827808>. Acesso em: 23 ago. 2023.

LIMA, Pedro Garrido da Costa. **Evolução recente da Balança Comercial Brasil-China**. Consultoria Legislativa, 2023. Disponível em: [https://bd.camara.leg.br/bd/bitstream/handle/bdcamara/41211/evolucao\\_balanca\\_lima.pdf?sequence=1&isAllowed=y](https://bd.camara.leg.br/bd/bitstream/handle/bdcamara/41211/evolucao_balanca_lima.pdf?sequence=1&isAllowed=y). Acesso em: 11 set. 2023.

MARÇAL, Emerson Fernandes; PRATES, Daniela. **O papel do ciclo das commodities no desempenho recente das exportações brasileiras**. Revista Análise Econômica, Porto Alegre, ano 26, n. 49, pp. 163-191, 2008. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/AnaliseEconomica/article/view/10909/6486>. Acesso em: 10 set. 2023.

MARIANO, Karina Lilia Pasquariello. Apêndice: globalização regionalismo e as teorias de integração regional. *In: Regionalismo na América do Sul: um novo esquema de análise e a experiência do Mercosul*. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015, pp. 205-272. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/wpvxt/pdf/mariano-9788579837043-07.pdf>. Acesso em: 02 out. 2023.

MELO, Diego Henrique Gomes de. **Mercado da soja no Brasil: cenários e perspectivas**. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Economia), Universidade de Brasília, 2019. Disponível em: [https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/38271/1/2019\\_DiegoHenriqueGomesdeMelo.pdf](https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/38271/1/2019_DiegoHenriqueGomesdeMelo.pdf). Acesso em: 08 set. 2023.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Painel Coronavírus**. Secretarias Estaduais de Saúde. Brasil, 2023. Disponível em: <https://covid.saude.gov.br/>. Acesso em: 24 set. 2023.

NYE JR., Joseph S. **Cooperação e conflito nas relações internacionais**. São Paulo: Editora Gente, 2009.

NYE, J. S., WELCH, D. A. **Understanding Global Conflict and Cooperation: An Introduction to Theory and History**. Pearson 10th edition, 2017.

OLIVEIRA, Henrique Altemani de. **Brasil e China: uma nova aliança não escrita?**. Revista Brasileira de Política Internacional, v. 53, n. 2, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbpi/a/mDfHPGdggWSHwDSXDr9rnSH/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 07 set. 2023.

OPAS. **OMS declara fim da Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional referente à COVID-19**. Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS). 2023. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/noticias/5-5-2023-oms-declara-fim-da-emergencia-saude-publica-importancia-internacional-referente>. Acesso em: 28 set. 2023.

PEDROSO, Nicolas Corrêa; POIATTI, Natalia Dus. Desigualdade internacional no combate à Covid-19 e os seus impactos nos gastos públicos. **Saúde em Debate**, v. 46, n. especial 8 dez, Pp. 21-34, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sdeb/a/kwMmZGrxyPLqRBqDwVpc4hn/?lang=pt>. Acesso em: 29 ago. 2023.

PEREIRA, Luiz Carlos Bresser et al. **A crise financeira de 2008**. Revista de Economia Política, v. 29, n.1 (113), pp. 133-149, 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rep/a/tHJCHqpgHjVP47TyfqjsgF/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 23 set. 2023.

POPPER, Karl Raimund. **A lógica da pesquisa científica**. Tradução de Leonidas Hegenberg e Octanny Silveira da Mota. São Paulo: Editora Cultrix, 1972.

SANTOS, Marília Barbosa dos; SILVA, Delmira Santos da Conceição; SOARES, Maria José Nascimento Soares. **Impactos causados pela Covid-19**: um estudo preliminar. Revista Brasileira de Educação Ambiental. São Paulo, v. 15, n. 4, pp. 128-147, 2020. Disponível em: <https://periodicos.unifesp.br/index.php/revbea/article/view/10722>. Acesso em: 24 set. 2023.

SARFATI, Gilberto. **Teoria das Relações Internacionais**. São Paulo: Saraiva, 2005.

SILVESTRE, Pietra Kneib Chedid. **Impacto da crise da COVID-19 na exportação de soja brasileira para a China**. Monografia (Bacharelado em Economia) - Departamento de Economia, Faculdade de Economia, Administração, Contabilidade e Gestão de Políticas Públicas, Universidade de Brasília, 2021. Disponível em: [Biblioteca Digital da Produção Intelectual Discente: Impacto da crise da COVID-19 na exportação de soja brasileira para a China \(unb.br\)](Biblioteca Digital da Produção Intelectual Discente: Impacto da crise da COVID-19 na exportação de soja brasileira para a China (unb.br)). Acesso em: 07 set. 2023.

STOJANOVIC, Radoslav. L'interdépendance dans les relations internationales. In: LENGYEL, Peter et al. **Revue Internationale des Sciences Sociales**. Unesco, Paris, vol. XXX, nº2, 1978, Pp.231-469. Disponível em: [https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000028961\\_fre](https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000028961_fre). Acesso em: 16 ago. 2023.

SUN, Yuan; QIU, Hua-Ji; WANG, Tao. African swine fever: an unprecedented disaster and challenge to China. **Infectious Diseases of Poverty**, London, v. 7, n. 1, 2018. Disponível em: <https://idpjournal.biomedcentral.com/articles/10.1186/s40249-018-0495-3>. Acesso em: 18 set. 2023.

UMBELINO, Ana Celina Lobo. **O mercado da soja para o Brasil, os Estados Unidos e a China sob a perspectiva da Interdependência Complexa**. Monografia (Bacharelado em Relações Internacionais), Escola de Direito e Relações Internacionais, Pontifícia Universidade Católica de Goiás, 2021. Disponível em: <https://repositorio.pucgoias.edu.br/jspui/bitstream/123456789/2313/1/Monografia%20-%20Ana%20Celina%20Umbelino%20ANA%20CELINA%20L%20C%94BO%20UMBE.pdf>. Acesso em: 09 set. 2023.

USDA. **African Swine Fever (ASF)**. United States Department of Agriculture (USDA). 2022. Disponível em: <https://www.aphis.usda.gov/aphis/ourfocus/animalhealth/animal-disease-information/swine-disease-information/african-swine-fever/seminar>. Acesso em: 18 set. 2023.

USDA. **Soybean explorer**. United States Department of Agriculture (USDA), 2023. Disponível em: <https://ipad.fas.usda.gov/cropexplorer/cropview/commodityView.aspx?cropid=222200>. Acesso em: 13 set. 2023.

USDA. **World Imports** – Soybean explorer. United States Department of Agriculture (USDA), 2023. Disponível em: [https://ipad.fas.usda.gov/cropexplorer/cropview/commodityView.aspx?cropid=2222000&sel\\_year=2023&rankby=Imports](https://ipad.fas.usda.gov/cropexplorer/cropview/commodityView.aspx?cropid=2222000&sel_year=2023&rankby=Imports). Acesso em: 15 set. 2023.

VILLELA, Eduardo V. M. **As relações comerciais entre Brasil e China e as possibilidades de crescimento e diversificação das exportações de produtos brasileiros ao mercado consumidor chinês**. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2004. Disponível em: <http://www4.pucsp.br/geap/artigos/art4.PDF>. Acesso em: 07 set. 2023.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **WHO Coronavirus (COVID-19) Dashboard**. 2023. Disponível em: <https://covid19.who.int/>. Acesso em: 24 set. 2023.

YAMEY, Gavin. **Rich countries should tithe their vaccines**. Nature, 2021. Disponível em: <https://www.nature.com/articles/d41586-021-00470-9>. Acesso em: 29 ago. 2023.